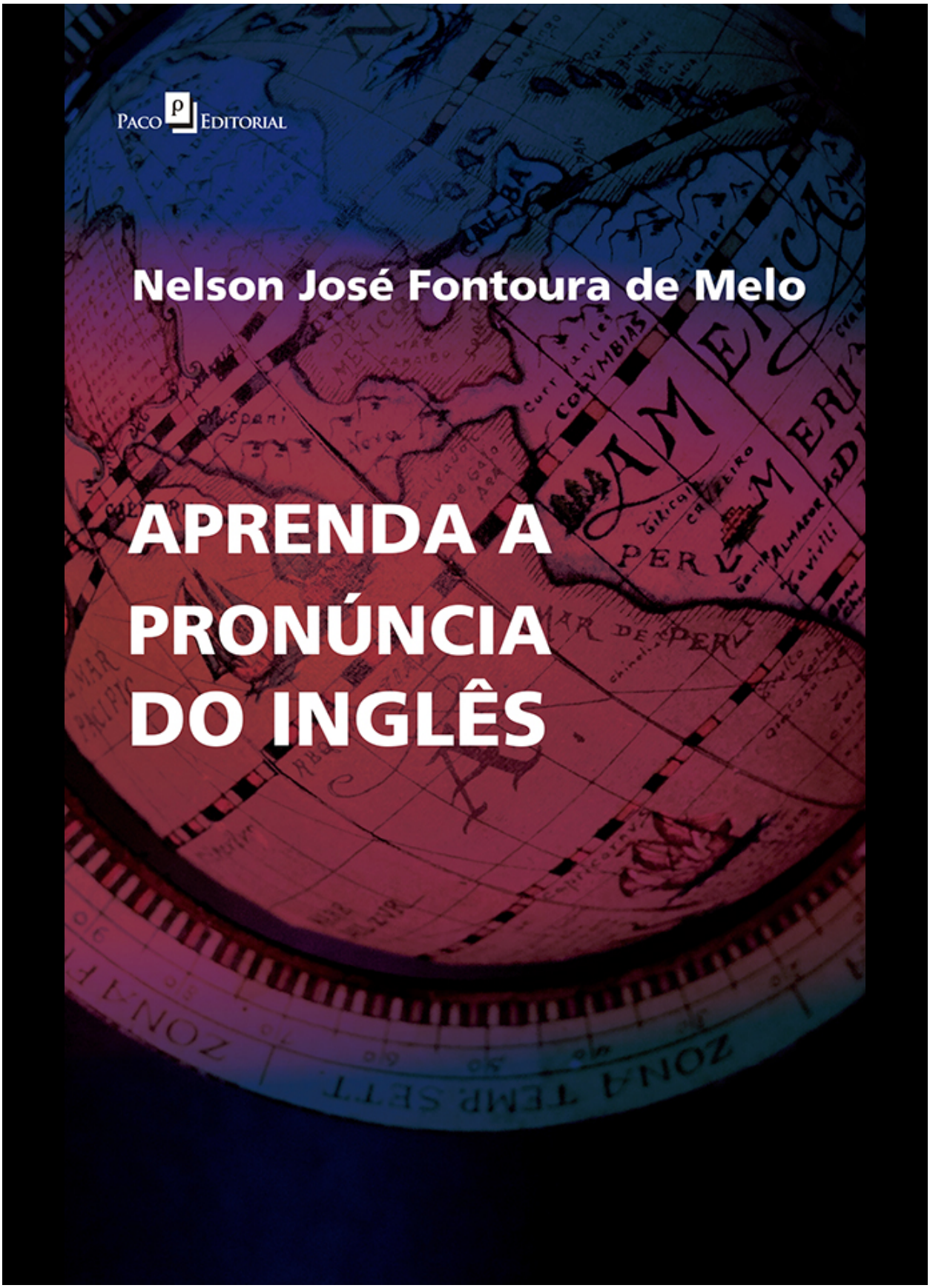
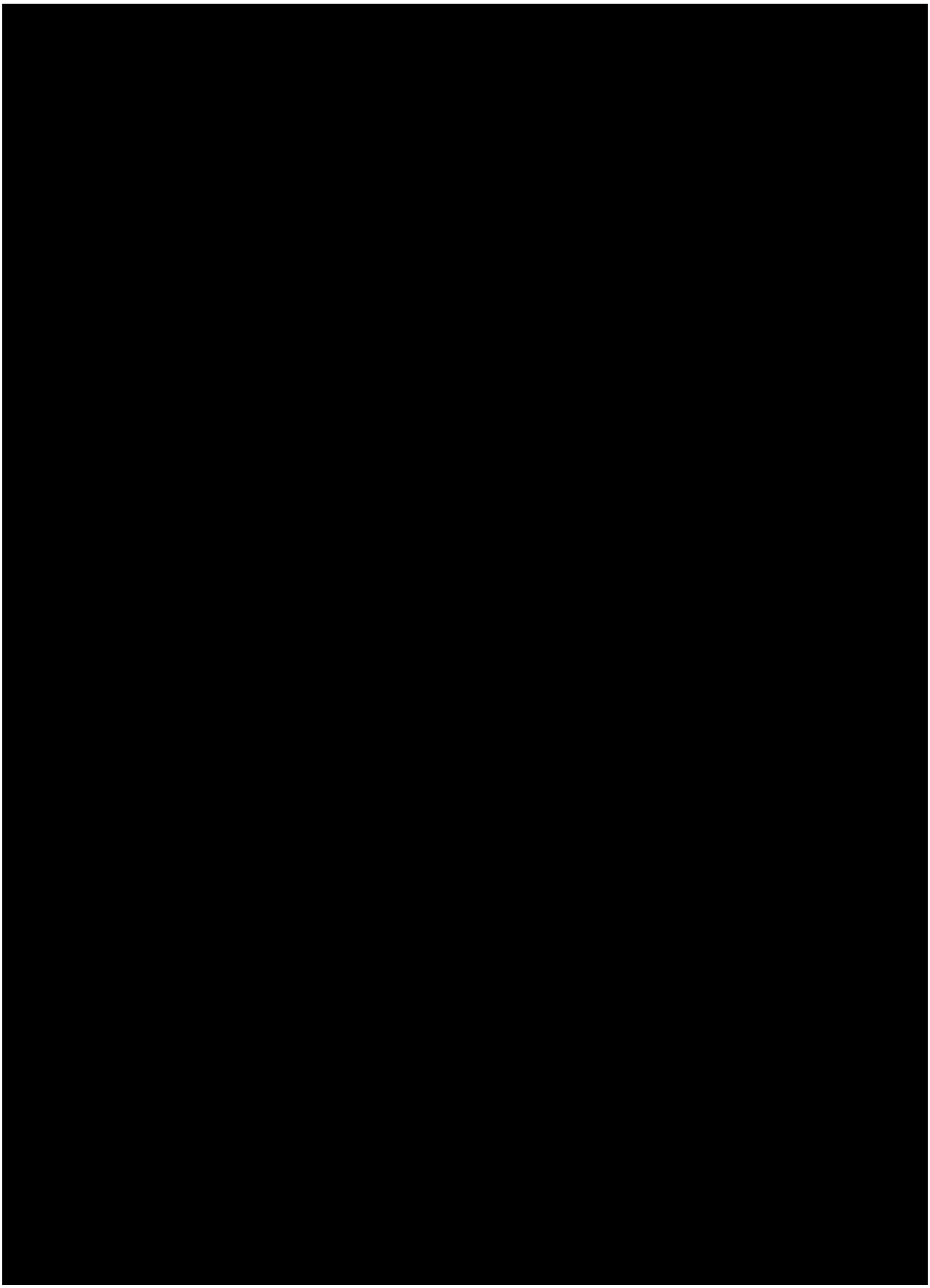


PACO EDITORIAL

Nelson José Fontoura de Melo

APRENDA A PRONÚNCIA DO INGLÊS

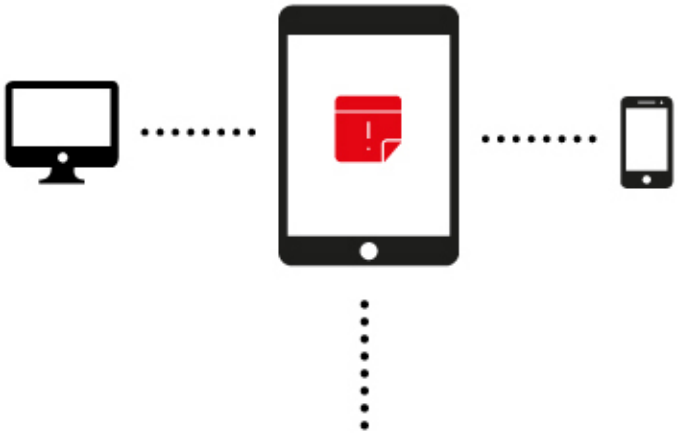

PACO EDITORIAL
Nelson José Fontoura de Melo
APRENDA A PRONÚNCIA DO INGLÊS



Nelson José Fontoura de Melo

APRENDA A PRONÚNCIA DO INGLÊS

Paco Editorial



IMPORTANTE

Cuidamos para que a produção deste ebook tivesse o mesmo padrão de qualidade das nossas obras impressas. Mas poderá ter variação na apresentação do conteúdo de acordo com cada dispositivo de leitura.

Copyright © 2017 by Paco Editorial

Direitos desta edição reservados à Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

Revisão: Taine Fernanda Barrivieira

Capa e Diagramação: Bruno Balota

Edição em Versão Impressa: 2016

Edição em Versão Digital: 2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D3762 de Melo, Nelson José Fontoura. Aprenda a Pronúncia do Inglês/Nelson José Fontoura de Melo/Jundiaí, Paco Editorial: 2017. Recurso digital Formato: ePub Requisitos do sistema: Multiplataforma ISBN: 978-85-4620-534-9 1. Grafema 2. Fonema 3. Conversão grafêmico-fonológica. I. de Melo, Nelson José Fontoura.	
	CDD: 370

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues (UNIVAS/MG) (Lattes)

Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi (FATEC-SP) (Lattes)

Profa. Dra. Benedita Cássia Sant' anna (UNESP/ASSIS/SP) (Lattes)

Prof. Dr. Carlos Bauer (UNINOVE/SP) (Lattes)

Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha (UFRGS/RS) (Lattes)

Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa (FURG/RS) (Lattes)

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (UNISO/SP) (Lattes)

Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira (UNICAMP/SP) (Lattes)

Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins (UNICENTRO-PR) (Lattes)

Prof. Dr. Romualdo Dias (UNESP/RIO CLARO/SP) (Lattes)

Profa. Dra. Thelma Lessa (UFSCAR/SP) (Lattes)

Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt (UNIPAMPA/RS) (Lattes)

Prof. Dr. Eraldo Leme Batista (UNIOESTE-PR) (Lattes)

Prof. Dr. Antonio Carlos Giuliani (UNIMEP-Piracicaba-SP) (Lattes)

Paco Editorial

Av. Carlos Salles Bloch, 658

Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Salas 11, 12 e 21

Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100

Telefones: 55 11 4521.6315

atendimento@editorialpaco.com.br

www.pacoeditorial.com.br

SUMÁRIO

Folha de Rosto
Prefácio
Introdução
Capítulo 1 — Fonemas vocálicos
Capítulo 2 — Classificação das vogais
Capítulo 3 — Pronúncia das vogais
Capítulo 4 — Fonemas consonantais
Capítulo 5 — Regras de pronúncia de palavras com base na correspondência grafêmico-fonológica das sílabas
Considerações finais
Referências
Página Final

PREFÁCIO

Ao ingressar na escola, a criança já adquiriu, no ambiente familiar e no convívio social com outras crianças, a habilidade de falar; e vai iniciar, no ambiente escolar, o seu processo de alfabetização, no primeiro contato com a língua escrita.

O processo de aprendizagem da escrita na língua materna, geralmente iniciada na fase da alfabetização escolar da criança, por razões sócioeconômicas, sofre retardamento por parte de muitos brasileiros que iniciam esse processo já na vida adulta. Mas, em ambos os casos, no início do processo de alfabetização, o indivíduo já tem o domínio da habilidade da comunicação oral, ou seja, a capacidade de usar a língua para interagir socialmente através da fala.

Assim, a língua(gem) oral, na primeira língua, é adquirida na infância, através de um processo inconsciente, ou seja, a criança não tem noção desse processo. O processo se desenvolve de modo natural, movido pela necessidade de falar que é inata no ser humano. Quando a criança entra na escola, sua habilidade de falar já se desenvolveu e, então, através da alfabetização, ela começa a tomar consciência da relação dos sinais gráficos, grafemas ou letras que representam, na escrita, os sons da fala. Entende-se, pois, que a aprendizagem da escrita na língua materna se desenvolve, tanto na criança como no adulto, por um processo consciente de alfabetização grafológica, que associa os grafemas da escrita com os sons da fala.

Assim, na língua materna, o fenômeno da linguagem se desenvolve em duas etapas distintas: na primeira etapa – o desenvolvimento da linguagem oral, que sempre ocorre na infância, o processo de aquisição fonológica se desenvolve inconscientemente, ou seja, através da internalização dos sons

da fala; na segunda etapa – o desenvolvimento da linguagem escrita, que pode ocorrer na infância ou na vida adulta, o processo de aprendizagem grafológica se desenvolve conscientemente, através da associação entre grafemas (letras) e os sons da fala.

Todavia, quando se envolve uma segunda língua, o processo de aprendizagem, principalmente o que se desenvolve fora do contexto de uso da língua-alvo, torna-se mais difícil porque não há um contato interativo direto com a nova língua em seu uso natural. Em tal contexto, o processo de aprendizagem da segunda língua pode ser facilitado mediante o uso de uma abordagem explícita que associe o conhecimento prévio do aprendiz, por exemplo, o conhecimento sobre os grafemas, que são semelhantes nas duas línguas, para relacioná-los em contextos silábicos específicos que condicionam a pronúncia dos respectivos fonemas da língua alvo.

Portanto, neste trabalho, faz-se uma analogia entre o processo de aprendizagem da língua escrita na língua materna e o processo de aprendizagem da pronúncia da língua inglesa, através de uma abordagem explícita, que associa os grafemas da escrita e determinadas estruturações silábicas que condicionam conversões fonéticas específicas com a finalidade de automatizar a pronúncia de palavras e enunciados na língua inglesa.

Nelson José Fontoura de Melo

INTRODUÇÃO

Vários pesquisadores e educadores têm ressaltado a importância do ensino da pronúncia como uma forma de ajudar o aprendiz a desenvolver habilidades comunicativas. Não obstante, como componente curricular, o ensino da pronúncia tem sido negligenciado nas salas de aula e nos materiais didáticos. E, quando consta como componente no currículo de ensino, a pronúncia é apresentada nos manuais como um acessório, isolado das outras habilidades linguísticas e, na maior parte das vezes, enfocando tarefas descritivas e controladas.

Por outro lado, muita pesquisa relativa à aquisição/aprendizagem da pronúncia da língua inglesa tem alimentado a discussão acerca da dificuldade enfrentada por aprendizes, principalmente de aprendizes adultos, falantes do português, por conta de tratar-se de duas línguas com características fonológicas e fonéticas tão diferentes.

Nessa linha de pesquisa com enfoque na aprendizagem da pronúncia da língua inglesa como língua estrangeira, inclui-se a tese de doutorado intitulada: "*Estratégias conscientes de ensino-aprendizagem para automatização da pronúncia do inglês*", de minha autoria, cujo principal objetivo foi investigar o papel do ensino de estratégias de aprendizagem consciente das relações grafêmico-fonológicas e dos gestos fonoarticulatórios para automatizar a pronúncia das palavras da língua inglesa, com foco nos valores previsíveis das vogais, com a finalidade de facilitar a aprendizagem da pronúncia do inglês, mormente para aprendizes adolescentes e/ou adultos.

Trata-se de uma proposta metodológica que enfatiza o foco na forma das estruturas fonológicas, considerando que o aprendiz de inglês adolescente e/ou adulto, em ambiente de estudo de língua estrangeira, está tão atrelado

aos padrões fonológicos de sua língua materna que, somente através de uma abordagem explícita, com muita explicação e prática fonoarticulatória, será capaz de aprender *como* e *onde*, no aparato construtor da fala (cavidade bucal), os traços fonéticos da língua inglesa são fonologicamente articulados para produzir *input* compreensível.

Portanto, as restrições naturais, impostas pela idade do aprendiz, que tornam a aprendizagem de uma segunda língua (L2), principalmente em ambiente de língua estrangeira (LE), tão difícil para o adulto que, salvo raras exceções, provocam frustração e desistência. Por isso é que se apresenta aqui, como alternativa de solução ao problema, esta proposta de abordagem explícita para a aprendizagem da pronúncia da língua inglesa. E convém ressaltar que esta abordagem explícita não se contrapõe à abordagem implícita, mas antecipa-se e a ela se agrega, com o objetivo de atingir sua meta final: a automatização da pronúncia. Entenda-se aqui automatização da pronúncia como automatização da fala também, o que deve ocorrer após a aprendizagem das regras de pronúncia, acompanhada de muita prática dos gestos fonoarticulatórios.

O trabalho tem a seguinte estruturação:

No Capítulo 1 são apresentados os fonemas vocálicos, através de quadros em que os sons das vogais (monotongos e ditongos) são convertidos em símbolos fonéticos; também é apresentada a classificação das vogais quanto ao movimento articulatório da língua.

No Capítulo 2 são apresentadas a classificação e a pronúncia das vogais quanto ao movimento articulatório vertical e horizontal da língua.

No Capítulo 3 são apresentados os fonemas consonantais, por meio de um quadro em que as consoantes são classificadas quanto ao modo e lugar de articulação.

No Capítulo 4 são apresentadas regras de pronúncia das vogais com base na correspondência grafêmico-fonológica das suas relações silábicas

com as consoantes.

No Capítulo 5 são apresentados os grafemas e dígrafos de conversão fonética especial.

No Capítulo 6 são feitas as considerações finais, em que são apresentadas as limitações do trabalho e apresentadas sugestões para futuras pesquisas visando à melhoria e facilitação do ensino/aprendizagem da pronúncia para aprendizes jovens e adultos, iniciantes no processo de aprendizagem do inglês como língua estrangeira.

Capítulo 1

FONEMAS VOCÁLICOS

Os sons da língua inglesa são classificados como vogais e consoantes. Vogal é um som representado na escrita pelos grafemas, ou letras, “a”, “e”, “i”, “o”, “u”, pronunciados com a boca aberta, para permitir que o ar oriundo dos pulmões saia pela boca sem obstruções. Os sons usados para representar os grafemas são chamados *fonemas*. No inglês norte-americano padrão, há doze fonemas vocálicos que representam as cinco letras vogais.

1. Quadro das vogais do inglês

Quadro 1: Fonemas vocálicos do Inglês

	FRONT		CENTRAL		BACK	
	LONG	SHORT	LONG	SHORT	LONG	SHORT
HIGH	i	ɪ			u	ʊ
MID		ɛ	ɜ	ʌ, ə	ɔ	
LOW		æ	ɑ			ɒ

2. Verticalidade, horizontalidade e duração do movimento articulatório das vogais

Para melhor compreensão do quadro das vogais acima apresentadas, e facilitação da aprendizagem da sua pronúncia, é preciso entender as nomenclaturas usadas para a classificação das vogais. Primeiramente, as vogais são classificadas quanto à movimentação vertical da língua (para

cima e para baixo), como *high* (alta), *mid* (média) e *low* (baixa). Quanto à movimentação horizontal da língua (para frente e para trás), as vogais são classificadas como *front* (anteriores), *central* (centrais) e *back* (posteriores). Quanto à duração do tempo para a sua articulação, as vogais são classificadas como *long* (longas) e *short* (breves).

Capítulo 2

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

As vogais são classificadas considerando a movimentação da língua em sentido vertical e horizontal na cavidade bucal para a articulação dos sons da fala. Quanto à movimentação vertical da língua, as vogais são classificadas como *high* (altas), *mid* (médias) e *low* (baixas); quanto à movimentação horizontal da língua, as vogais são classificadas como *front* (anteriores), *central* (centrais) e *back* (posteriores).

1. Vogais altas, anteriores

As vogais /i/ e /ɪ/ são classificadas como vogais *altas, anteriores*. A classificação como *alta* deve-se ao movimento vertical de elevação da parte frontal da língua até ao teto da parte da frente da boca (céu frontal da boca) e a classificação como *anterior* deve-se ao movimento horizontal da língua que se estende para frente da boca. O que diferencia estas duas vogais é a duração do tempo de sua articulação. O tempo de articulação do som (fonema) da vogal /i/ é longo. Sua pronúncia soa como [ii] do PB, por ser mais prolongado, ou de maior duração. O tempo de articulação do som (fonema) da vogal /ɪ/ é breve. Sua pronúncia soa como [ê] do PB, por ser menos prolongado, ou de menor duração; daí porque /i/ é uma vogal alta, anterior, longa e /ɪ/ é uma vogal alta, anterior, breve.

Convém lembrar que, na articulação das vogais altas anteriores a língua faz dois movimentos: um movimento vertical para cima e um movimento

horizontal para a frente da boca.

Em algumas gramáticas ou manuais de fonética e fonologia, o sinal diacrítico [ː] é posposto à vogal alta, anterior, longa /iː/ para distinguí-la da vogal alta, anterior, breve /ɪ/. Nesta obra, deliberadamente, dispensamos o uso da marca diacrítica por dois motivos: o primeiro motivo é pela evidência visual, ou seja, o próprio formato (design) dos símbolos fonéticos são autodistinguíveis; o segundo motivo é um procedimento pedagógico, ou seja, visa à aprendizagem do aluno quanto ao contexto silábico grafêmico-fonológico específico que requer a conversão de uma forma e não da outra. Esse conhecimento quanto ao contexto silábico grafêmico-fonológico é fundamental para que o aprendiz faça a distinção, por exemplo, entre as palavras *sheep* e *ship*. Por outro lado, o conhecimento sobre a diferença entre os contextos silábicos grafêmico-fonológicos que condicionam a escolha entre uma forma e a outra libera o aprendiz da necessidade de recorrer ao dicionário para conferir a pronúncia adequada; e, com isso, o aprendiz começa a adquirir autonomia em seu processo de aprendizagem.

2. Vogais altas, posteriores

As vogais /uː/ e /ʊ/ são classificadas como vogais altas, posteriores. A classificação como alta deve-se ao movimento vertical de elevação da parte dorsal da língua até ao teto da parte de trás da boca (céu dorsal da boca) e a classificação como *posterior* deve-se ao movimento horizontal da língua que se estende para trás da boca. O que diferencia estas duas vogais é a duração do tempo de sua articulação. O tempo de articulação do som (fonema) da vogal /uː/ é longo. Sua pronúncia soa como [úú] do Portugês Brasileiro, por ser mais prolongado, ou de maior duração. O tempo de articulação do som (fonema) da vogal /ʊ/ é breve. Sua pronúncia soa como [ô] do PB, por ser menos prolongado, ou de menor duração; daí porque /uː/ é uma vogal alta, posterior, longa e /ʊ/ é uma vogal alta, posterior, breve.

Em algumas gramáticas ou manuais de fonética e fonologia o sinal diacrítico [ː] é posposto à vogal alta, posterior, longa /u/ para distinguí-la da vogal alta, posterior, breve /ʊ/. Neste livro, deliberadamente, dispensamos o uso da marca diacrítica distintiva entre uma forma e outra, pelos motivos já apresentados para a distinção entre /i/e /ɪ/.

3. Vogal média, anterior

A vogal /ɛ/ é classificada como vogal média, anterior. A classificação como *média* deve-se ao movimento vertical de elevação da parte frontal da língua a uma altura média da parte da frente da boca e a classificação como *anterior* deve-se ao movimento horizontal da língua que se estende levemente para a frente da boca. O tempo de sua articulação é curto; daí porque /ɛ/ é uma vogal média, anterior, breve. Sua pronúncia soa como [é] do PB, de breve duração.

4. Vogais médias, centrais

As vogais /ɜ/, /ʌ/, /ə/ são classificadas como vogais *médias*, *centrais*. A classificação como *médias*, deve-se ao movimento vertical de elevação da parte do meio da língua a uma altura média da boca. A classificação como *central* deve-se ao movimento horizontal da língua que se estende no centro da boca. O que diferencia a vogal /ɜ/ das outras duas vogais médias centrais /ʌ/ e /ə/ é o tempo de articulação de /ɜ/, que é longo, portanto, mais demorado; daí porque /ɜ/ é uma vogal média, central, longa. Sua pronúncia soa como [ôôr] do PB (sempre precedida do grafema "r"). Convém deixar registrado aqui também a dispensa do uso do sinal diacrítico [ː] na vogal longa /ɜ/ pelos motivos já apresentados. Por outro lado, as vogais médias, centrais /ʌ/ e /ə/ diferenciam-se da vogal média, central /ɜ/ por seu tempo de duração que é mais curto; por isso, são chamadas de vogais médias, centrais, breves; e as duas, /ʌ/ e /ə/, diferenciam-se entre si, por conta de

suas respectivas intensidades: /ʌ/ é de intensidade forte (tônica) e /ə/ é de intensidade fraca (átona). Assim, pronuncia-se /ʌ/ como [a] do PB, em sílaba tônica; e pronuncia-se /ə/ como [a] do PB, em sílaba átona. Por exemplo, na palavra *salada*, do PB, o segundo "a" é uma vogal forte (tônica); ao passo que o primeiro e o terceito "a" são vogais fracas (átonas). A propósito, a vogal /ə/, conhecida no inglês como "schwa" (pronuncia-se "chuá", em português), é o som vocálico mais recorrente na língua inglesa, pois pode representar o som de qualquer vogal em contextos silábicos átonos.

5. Vogal média, posterior

A vogal /ɔ/ é classificada como vogal *média*, *posterior*. A classificação como *média* deve-se ao movimento vertical de elevação da parte de trás da língua a uma altura média da boca; a classificação como *posterior* deve-se ao movimento horizontal da língua que se estende na parte de trás da boca. O tempo de sua articulação é longo; daí porque /ɔ/ é uma vogal média, posterior, longa. Sua pronúncia soa como [ó] do PB, de longa duração. Também é dispensado neste trabalho o uso do sinal diacrítico [ː] que caracteriza o símbolo fonético /ɔ/ como vogal longa, pelos motivos já apresentados.

6. Vogal baixa, anterior

A vogal /æ/ é classificada como vogal baixa, anterior. A classificação como baixa deve-se ao movimento vertical de abaixamento da parte frontal da língua a uma posição mais inferior da boca e a classificação como anterior deve-se ao movimento horizontal da língua que se estende longitudinalmente na parte de baixo da boca. O tempo de sua articulação é breve; daí porque /æ/ é uma vogal baixa, anterior, breve. Sua pronúncia soa

como [é] do PB, porém, articulado com a parte frontal da língua abaixada e com a boca bem aberta.

7. Vogal baixa, central

A vogal /ɑ/ é classificada como vogal baixa, central. A classificação como baixa deve-se ao movimento vertical de abaixamento da parte do meio da língua a uma altura mais baixa da boca e a classificação como central deve-se ao movimento horizontal da língua que se estende na parte de baixo da boca. O tempo de sua articulação é longo; daí porque /ɑ/ é uma vogal baixa, central, longa. Sua pronúncia soa como [á] do PB, porém, articulado com a parte central da língua abaixada e com a boca bem aberta. Também é dispensado neste livro o sinal diacrítico [ː] que caracteriza o símbolo fonético /ɑ/ como vogal longa pelos motivos já apresentados.

8. Vogal baixa, posterior

A vogal /ɒ/ é classificada como vogal *baixa*, *posterior*. A classificação como *baixa* deve-se ao movimento vertical de abaixamento da parte posterior da língua a uma altura mais baixa da boca e a classificação como *posterior* deve-se ao movimento horizontal da língua que se estende na parte de trás da boca. O tempo de sua articulação é breve; daí porque /ɒ/ é uma vogal baixa, posterior, breve. Sua pronúncia soa como [a] do PB, porém, articulado com a parte dorsal da língua abaixada e com a boca semiaberta.

Capítulo 3

PRONÚNCIA DAS VOGAIS

A pronúncia das vogais é determinada pela qualidade do som produzido durante a sua articulação. Quanto à qualidade de articulação, os sons das vogais são classificados como monotongos, ditongos, tritongos e hiatos.

Abordaremos detalhadamente, nesta obra, a articulação dos monotongos e ditongos, deixando os tritongos e hiatos para estudo posterior.

1. Monotongos

De origem grega, a palavra *monos* significa "único" e *tongos* significa "som". Assim, *monotongo* é um único som vocálico, ou seja, o monotongo é composto de um só movimento de articulação sonora.

Os monotongos diferem-se dos ditongos, por exemplo, visto que estes são compostos de dois movimentos articulatórios, ou seja, duas vogais na mesma sílaba mudam de qualidade sonora, diferenciando-se uma da outra; e, por outro lado, os ditongos diferem-se dos hiatos porque estes são compostos de duas vogais adjacentes (próximas uma da outra), mas em sílabas diferentes na palavra.

A seguir, analisaremos os monotongos, como fonemas vocálicos, com suas respectivas descrições, bem como as regras grafêmico-fonológicas que condicionam sua pronúncia. Exemplos são apresentados com três palavras para cada regra; os exemplos com menos de três palavras representam carência de dados em nossa pesquisa. Abaixo de cada monotongo, segue a

pronúncia do som, com base em sua aproximação no PB, e uma explicação da regra.

Descrição da vogal Grafema/Regra/Exemplos

Monotongo	Descrição da vogal	Grafema / Regra	Exemplos
/i/	Alta anterior longa	"e" / C_Ce	meter, peter, scene.

Alta anterior longa "e" / C_Ce m<u>e</u>ter, p<u>e</u>ter, sc<u>e</u>ne.

O fonema /i/ (pronuncia-se "í", como no PB) representa o grafema "e" em sílaba forte, constituída por CVC+e [consoante+vogal+consoante+e].

"i" / C(C)_# sk<u>i</u>, broccol<u>i</u>.

O fonema /i/ (pronuncia-se "í", como no PB) representa o grafema "i" em final de palavra.

<u>Dígrafos:</u>

"ea"	sea, meat, seat;
Exceções:	dead, head, read (v.past)
"ee"	see, meet, beef;
"ei"	receive, deceive;
"eo"	people;
"ey"	key;
"ie"	believe, piece, niece;
"oe"	amoeba.

O fonema /i/ (pronuncia-se “í”, como no PB) representa os dígrafos acima. Dígrafos são constituídos por dois grafemas juntos pronunciados com um só movimento articulatório. Observe-se que o dígrafo “ea” apresenta exceções nas palavras *dead, head, read,* pois sua conversão é feita no fonema /ɛ/, em vez de , como /i/ nos demais exemplos.

/ɪ/ Alta anterior breve “i” / C_C# b<u>i</u>t, s<u>i</u>t, t<u>i</u>p.

O fonema /ɪ/ (pronuncia-se “ê”, como no PB) representa o grafema “i” em sílaba forte, entre duas consoantes.

“e” / C_+ˈCVC b<u>e</u>come, b<u>e</u>hind, b<u>e</u>gin.

O fonema /ɪ/ (pronuncia-se “ê”, como no PB) representa o grafema “e” em sílaba fraca (átona) CV, seguida de sílaba forte (tônica), de constituição silábica CVC [consoante+vogal+consoante]. Note-se que os exemplos da regra acima são palavras de duas sílabas, sendo a primeira átona e a segunda tônica. A regra aplica-se à sílaba átona.

“e” / ˈCVC+C_C carp<u>e</u>t, suns<u>e</u>t, targ<u>e</u>t.

O fonema /ɪ/ (pronuncia-se “ê”, como no PB) representa o grafema “e” em sílaba fraca (átona), precedida de sílaba forte (tônica), de constituição silábica CVC [consoante+vogal+(consoante)]. Note-se que os exemplos da regra acima são palavras de duas sílabas, sendo a primeira tônica e a segunda átona. A regra aplica-se à sílaba átona.

“ay” / ˈCVC+C_ Sund<u>ay</u>, Mond<u>ay</u>, Tuesd<u>ay</u>.

O fonema /ɪ/ (pronuncia-se “ê”, como no PB) representa o dígrafo “ay” em sílaba fraca (átona), precedida de sílaba forte (tônica), de constituição silábica CVC [consoante+vogal+consoante]. Note-se que os exemplos da regra acima são palavras de duas sílabas, sendo a primeira tônica e a segunda átona. A regra aplica-se à sílaba átona.

“ey” / ˈCV+C_ hon*ey*, mon<u>ey</u>, monk<u>ey</u>.

O fonema /ɪ/ (pronuncia-se “ê”, como no PB) representa o dígrafo “ey” em sílaba fraca (átona), precedida de sílaba forte (tônica), de constituição silábica CV(C) [consoante+vogal+(consoante)]. Note-se que os exemplos da regra acima são palavras de duas sílabas, sendo a primeira tônica e a segunda átona. A regra aplica-se à sílaba átona.

“a” / ˈCVC+_Ce cottage, stor<u>a</u>ge, vis<u>a</u>ge.

O fonema /ɪ/ (pronuncia-se “ê”, como no PB) representa o grafema “a” em sílaba fraca (átona), precedida de sílaba forte (tônica), de constituição silábica CVC [consoante+vogal+consoante]. Note-se que os exemplos da regra acima são palavras de duas sílabas, sendo a primeira tônica e a segunda átona. A regra aplica-se à sílaba átona.

/u/ Alta longa posterior “oo” / C_ (- stop*)# ch<u>oo</u>se, f<u>oo</u>l, r<u>oo</u>m.

O fonema /u/ (pronuncia-se “ú”, como no PB) representa o dígrafo “oo” em sílaba forte (tônica), seguida de qualquer consoante, que não seja *stop*

(oclusiva).

“u” / C(C)_(C)e#	bl<u>u</u>e, cl<u>u</u>e, r<u>u</u>de.

O fonema /u/ (pronuncia-se “ú”, como no PB) representa o grafema “u” em sílaba forte, seguida da vogal “e” muda.

/ʊ/ breve	Alta posterior	“oo”	/ C_C (+stop)#	b<u>oo</u>k, g<u>oo</u>d, f<u>oo</u>t.

O fonema /ʊ/ (pronuncia-se “ô”, como no PB) representa o dígrafo “oo”, em sílaba forte (tônica), seguida de consoante *stop* (oclusiva). Todavia, esta regra não é consistente, pois há exceções, tais como as palavras *boot*, *food*, *mood*, nas quais o dígrafo “oo”, embora precedido de consoante *stop* (oclusiva), é convertido no fonema /u/. Portanto, no caso do dígrafo “oo”, vamos convencionar que a regra geral de conversão é no fonema /u/, por este conter maior número de exemplos; ao passo que no fonema /ʊ/ inclui-se um número bem menor de exemplos, portanto, as conversões do dígrafo “oo” em /ʊ/ representam exceções.

“u” / C_ll	b<u>u</u>ll, f<u>u</u>ll, p<u>u</u>ll.

O fonema /ʊ/ (pronuncia-se “ô”, como no PB) representa o grafema “u” em sílaba forte (tônica), seguida do dígrafo “ll”.

“o”/ C_ˈCVC	t<u>o</u>day, t<u>o</u>gether, t<u>o</u>morrow.

O fonema /ʊ/ (pronuncia-se “ô”, como no PB) representa o grafema “o” em sílaba fraca (átona), seguida de sílaba forte (tônica), constituída de CV [consoante+vogal]. Note-se que os exemplos da regra acima são palavras de duas e três sílabas, sendo a primeira átona e a segunda tônica. A regra aplica-se à sílaba átona.

“u”	/ˈCVC+C_C	beautiful, carefu<u>l</u>, usefu<u>l</u>.	

O fonema /ʊ/ (pronuncia-se “ô”, como no PB) representa o grafema “u” em sílaba fraca (átona), precedida de sílaba forte (tônica), constituída de CV(C) [consoante+vogal (+consoante)]. A regra aplica-se à sílaba átona.

/ɛ/*	Média anterior breve	“e”	/ C_C#	b<u>e</u>d, g<u>e</u>t, l<u>e</u>t.

O fonema /ɛ/ (pronuncia-se “é”, como no PB) representa o grafema “e” em sílaba forte (tônica), constituída por CVC [consoante+vogal+consoante].

*Obs.: O símbolo fonético /e/ é frequentemente usado na maioria dos dicionários no lugar de /ɛ/ com o mesmo valor fonológico.

/ɜr/	Média central longa	“er”	/C(C)_rC	berth, clerk, mercy;

“ir”	/C(C)_rC	bird, first, third;
“or”	/C_rC	word, work, worse;
“ur”	/C_rC	hurt, curve, nurse.

O fonema /ɜr/ (pronuncia-se “ôrr”, como a vogal “ô” do PB e com “r” retroflexo) representa os dígrafos “er”, “ir”, “or”, “ur” no contexto silábico C(C)_rC [uma ou duas consoante+vogal+r+consoante], conforme exemplos acima. Todavia, no contexto silábico constituído pelos grafemas “or”, há casos em que ocorre uma variação fonológica onde a variante fonética /ɜr/ dá lugar à variante fonética /ɜr/, no mesmo contexto silábico. Por exemplo, nas palavras corn, fork, short, onde o grafema “o” converte-se no fonema /ɔ/ , em vez de /ɜ/, como nas palavras word, work, worse. Portanto, no caso do contexto silábico com “or”, a pronúncia dos itens lexicais deve ser memorizada.

/ʌ/ Média central breve	“o” /C_(+nasal)	month, son, ton;
“o” /C_(+lab)e#		come, love, some.

O fonema /ʌ/ (pronuncia-se “a”, com a boca semiaberta e a língua na altura central da boca) representa o grafema “o”, em sílaba forte (tônica), seguido de nasal ou labial, em contexto silábico CVC ou CVC+e, conforme exemplos acima, porém excetuando-se palavras como *move*, *prove*, *stove*, em que o grafema “o” converte-se no fonema /u/, como em *move* e *prove*, e no ditongo /ou/, como em *stove*. Portanto, deve-se ter cuidado com a pronúncia do grafema “o”, pois este grafema não tem uma relação grafêmico-fonológica consistente em sua conversão fonética. Assim, a conversão do grafema “o” no fonema /ʌ/ deve ser tratada como regra geral que permite exceções.

“u” /C_C	bud, mud, nun.

O fonema /ʌ/ (pronuncia-se “a”, com a boca semiaberta e a língua na altura central da boca) representa o grafema “u”, em sílaba forte (tônica),

em contexto silábico CVC.

/ə/	Média central breve	“a” / átona	about, brazil, balloon;
		“e” / átona	b<u>e</u>lieve, b<u>e</u>come, carp<u>e</u>t;
		“i” / átona	b<u>i</u>lingual, d<u>i</u>rect, <u>i</u>ntell<u>i</u>gent;
		“o”/ átona	t<u>o</u>day, t<u>o</u>gether, t<u>o</u>morrow;
		“u”/ átona	beautif<u>u</u>l, caref<u>u</u>l, usef<u>u</u>l.

O fonema /ə/, conhecido como “chuá” (pronuncia-se suavemente “a”, com a boca semiaberta e a língua na altura central da boca) representa, em palavras de duas sílabas ou mais, qualquer vogal em sílaba fraca (átona), pré-tônica ou pós-tônica.

/ɔ/	Média posterior longa	“a” /C_ll	b<u>a</u>ll, c<u>a</u>ll, f<u>a</u>ll.

O fonema /ɔ/ (pronuncia-se “ó”, como no PB) representa o grafema “a”, seguido do dígrafo “ll” em sílaba forte (tônica).

“a” /C_u	c<u>au</u>se, c<u>au</u>stic, t<u>au</u>ght.

O fonema /ɔ/ (pronuncia-se “ó”, como no PB) representa o grafema “a”, seguido de “u” em sílaba forte (tônica).

“a” /C_w	l<u>aw</u>, l<u>aw</u>yer, s<u>aw</u>.

O fonema /ɔ/ (pronuncia-se “ó”, como no PB) representa o grafema “a”, seguido de “w” em sílaba forte (tônica).

“or” /C_rC c<u>or</u>n, f<u>or</u>k, sh<u>or</u>t.

O fonema /ɔ/ (pronuncia-se “ó”, como no PB) representa o grafema “o”, seguido de “r” em sílaba forte (tônica).Todavia, convém lembrar a necessidade de memorização da pronúncia de itens lexicais de constituição silábica em “or”, por conta da variação fonológica em /ɜr/ e /ɔr/, cuja escolha não é aleatória, mas ainda não dispomos de regra consistente para definição do condicionamento fonológico para escolha da variante adequada a cada uma dessas formas lexicais, se houver um condicionador para tal regra.

“ou” /_ght b<u>ou</u>ght, f<u>ou</u>ght, s<u>ou</u>ght.

O fonema /ɔ/ (pronuncia-se “ó”, como no PB) representa o dígrafo “ou”, seguido de “ght” em sílaba forte (tônica).

/æ/ Baixa anterior breve “a”/ C_C# b<u>a</u>t, c<u>a</u>t, m<u>a</u>n.

O fonema /æ/ (pronuncia-se “é”, com a boca bem aberta e a parte frontal da língua abaixada) representa o grafema “a”, em sílaba forte (tônica), constituída de CVC.

/ɑ/ Baixa central longa “a” / C_r(C) b<u>a</u>r, c<u>a</u>r, p<u>a</u>rk.

O fonema /ɑ/ (pronuncia-se “á”, com a boca bem aberta e a parte central da língua abaixada) representa o grafema “a”, seguida de “r” em sílaba forte (tônica), constituída de CVr(C) [consoante+vogal+r (seguido ou não de outra consoante)].

/ɒ/	Baixa posterior breve	“o” / C_C	c<u>o</u>t, g<u>o</u>d, m<u>o</u>b.

O fonema /ɒ/ (pronuncia-se “á”, com a boca semiaberta e a parte posterior da língua abaixada) representa o grafema “o”, em sílaba forte (tônica), constituída de CVC.

/zero/	Não pronunciada	“e” / CVC_#	bak<u>e</u>, late, sam<u>e</u>.

O fonema /zero/ (não pronunciado) representa o grafema “e”, em final de sílaba ou palavra.

2. Ditongos

De origem grega, a palavra *ditongo* significa “dois sons” e refere-se a dois sons vocálicos adjacentes, que ocorrem na mesma sílaba, e tem qualidade diferente, ou seja, crescente ou decrescente. Os ditongos diferem-se dos monotongos, visto que estes são constituídos de um único som vocálico, ao passo que os ditongos são constituídos de dois sons vocálicos. Por exemplo, em inglês, a palavra *ah* é articulada com um monotongo /ɑ/, ao passo que a palavra *oh* é articulada com o ditongo /oʊ/.

Quadro 2: Ditongos do Inglês

Terminação em chuá	Terminação em ɪ e ʊ
ɪə	eɪ aʊ
ɛə	aɪ ɪʊ
ʊə	ɔɪ oʊ

Ditongo/Descrição/Grafema/Regra Exemplos

/ɪə/ Som duplo “e” / C_re# h<u>e</u>re, m<u>e</u>re, sph<u>e</u>re.

O ditongo /ɪə/ (pronuncia-se “êa”, como no PB) representa o grafema “e” seguido de “re”, em sílaba forte. Há exceções como nas palavras *there* e *where*, nas quais o grafema “e” tônico, seguido de “re” é convertido no fonema /ɛ/.

“e” / C_ar# dear, fear, tear (n).

O ditongo /ɪə/ (pronuncia-se “êa”, como no PB) representa o grafema “e” seguido de “ar”, em sílaba forte. Todavia, há exceções a essa regra, na qual o grafema “e” seguido de “ar”, em sílaba forte, converte-se no fonema /ɛ/ (pronuncia-se “é”, como no PB), como em *bear* (n), *pear* (n), *tear* (v).

“ee” C_r# cheer, deer, peer.

O ditongo /ɪə/ (pronuncia-se “êa”, como no PB) representa o dígrafo “ee” seguido de “r”, em sílaba forte.

/ɛə/ Som duplo “a” / C_re# bare, care, fare.

O ditongo /ɛə/ (pronuncia-se “éa”, como no PB) representa o grafema “a” seguido de “re”, em sílaba forte.

/ʊə/	Som duplo	“e” / CV_l#	jewel, fuel, cruel.

O ditongo /ʊə/ (pronuncia-se “ôa”, como no PB) representa os grafemas “ew” ou “u” seguido de “el”, em sílaba forte.

“oo” / C_r#	moor, poor.

O ditongo /ʊə/ (pronuncia-se “ôa”, como no PB) representa o dígrafo “oo” seguido de “r”, em sílaba forte. Mas há exceções em palavras em que o dígrafo “oo” seguido de “r” se converte no fonema /ɔ/ (pronuncia-se “ó”, como no PB), como em *door, floor, moor*.

“ou” / C_r#	tour, tourist, tourism.

O ditongo /ʊə/ (pronuncia-se “ôa”, como no PB) representa o dígrafo “ou” seguido de “r”, em sílaba forte. Mas há exceção, como na palavra four, em que o dígrafo “ou” seguido de “r” converte-se no fonema /ɔ/ (pronuncia-se “ó”, como no PB), como em *four*, *course*, *source*.

/eɪ/	Som duplo	“a” / C_Ce#	b<u>a</u>ke, l<u>a</u>te, s<u>a</u>me.

O ditongo /eɪ/ (pronuncia-se “ei”, como no PB) representa o grafema “a” no contexto silábico CVC+e# [consoante+vogal+consoante+e], em sílaba forte.

“a” / C_y bay, may, say.

O ditongo /eɪ/ (pronuncia-se “ei”, como no PB) representa o grafema “a” seguido de “y”, em sílaba forte.

/aɪ/ Som duplo “i” / C_Ce# bike, fine, mine.

O ditongo /aɪ/ (pronuncia-se “ai”, como no PB) representa o grafema “i” no contexto silábico CVC+e# [consoante+vogal+consoante+e], em sílaba forte. Há exceções, como nos verbos give, live nos quais o grafema “i” converte-se no fonema /ɪ/ (pronuncia-se “ê”, como no PB).

/ɔɪ/ Som duplo “o” / C_y# boy, soy, toy.

O ditongo /ɔɪ/ (pronuncia-se “ói”, como no PB) representa o grafema “o” seguido de “y”, em sílaba forte.

“o” / C_VC coin, join, point.

O ditongo /ɔɪ/ (pronuncia-se “ói”, como no PB) representa o grafema “o” seguido de “in”, em sílaba forte.

/aʊ/ Som duplo “o” / C_u loud, mouse, south.

O ditongo /aʊ/ (pronuncia-se “au”, como no PB) representa o grafema “o” seguido de “u”, em sílaba forte. Mas há exceções, como nas palavras *bought, fought*, *sought*, em que o grafema “o” seguido de “ught” converte-se no fonema /ɔ/ e na palavra *could*, em que o grafema “o” seguido de “uld” se converte no fonema /ʊ/ (pronuncia-se “ô”, como no PB).

“o” / C_w bow, cow, now.

O ditongo /aʊ/ (pronuncia-se “au”, como no PB) representa o grafema “o” seguido de “w”, em sílaba forte. Mas, há exceções, como nas palavras *low*, *show*, *tow*, pronunciados com o ditongo /ow/.

/ɪu/ Som duplo “u” / C_Ce# cute, huge, music.

O ditongo /ɪu/ (pronuncia-se “iu”, como no PB) representa o grafema “u” no contexto silábico CVC+e# [consoante+vogal+consoante+e], em sílaba forte.

/oʊ/ Som duplo “o” / C_aC load, road, toast.

O ditongo /oʊ/ (pronuncia-se “ou”, como no PB) representa o grafema “o” seguido de “a”, em sílaba forte (tônica).

“o” / C_Ce# bone, code, joke.

O ditongo /oʊ/ (pronuncia-se “ou”, como no PB) representa o grafema “o” no contexto silábico CVC+e# [consoante+vogal+consoante+e], em sílaba forte (tônica). Mas há exceções, como nas palavras *love*, *move*, *prove*, em que o grafema “o” no contexto silábico CVC+e converte-se no fonema /ʌ/ (pronuncia-se “a”, como no PB), como em *love*, e no fonema /ʊ/, como em *move* e *prove*. Por isso, convém lembrar que é preciso muito cuidado com a pronúncia do grafema “o”, devido sua conversão fonética ser variada.

“o” / C_# go, potato, tomato.

O ditongo /ou/ (pronuncia-se “ou”, como no PB) representa o grafema “o” em final de palavra, em sílaba forte (tônica) ou fraca (átona).

Capítulo 4

FONEMAS CONSONANTAIS

Na visão da fonética articulatória, *consoante* é um som articulado com fechamento completo ou parcial das cordas vocais. A palavra *consoante* vem do Latim [“cum” (com) “sonant” (que tem som)], o que transmite a ideia de que as *consoantes* são fonemas que precisam da companhia de vogais para que possam adquirir sonoridade completa, ou seja, consoantes como as oclusivas (*stop*, em inglês), que são articuladas com fechamento completo das cordas vocais, em posição inicial ou medial de sílaba ou de palavra só adquirem sonoridade mediante a articulação da vogal subsequente; todavia, em posição final, na articulação das bilabiais /p/ e /b/, por exemplo, os lábios se fecham, não permitindo a saída do ar. A mesma interrupção da saída do ar ocorre na articulação das alveolares /t/ e /d/, em que a língua eleva-se até os alvéolos e ali estaciona; e das velares /k/ e /g/, em que a língua eleva-se e para na região velar. Essa “parada” da língua indica que nenhum som é emitido; é por isso que, em inglês, essas consoantes são chamadas de *stop*, ou seja, há um fechamento que interrompe a produção do som. Portanto, o(a) professor(a) deve chamar a atenção do aprendiz brasileiro para esse aspecto articulatório dessas consoantes no inglês, porque esse é um dos principais fatores de interferência da L1 na L2, em virtude da não existência de consoante oclusiva em coda (final de sílaba) no português. Por não existir esse tipo de estrutura silábica no português, a tendência natural do aprendiz de adicionar

uma vogal epentética, ou vogal de apoio, é compulsória. Por isso, o(a) professor(a) deve ser bastante tolerante com esse tipo de erro, no início do processo de aprendizagem, para evitar constrangimento e desestímulo no aluno, principalmente no aprendiz adolescente e/ou adulto. Para melhor entendimento do processo articulatório das consoantes do inglês, estudemos com atenção o quadro a seguir.

1. As consoantes do inglês

Quadro 3: As consoantes do inglês

Manner of Articulation ↓ / Place of Articulation →	Bilabial	Labiodental	Interdental	Alveolar	Alveopa-latal	Palatal	Velar	Glottal
Stop	p, b			t, d			k, g	
Fricative		f, v	θ, ð	s, z	ʃ, ʒ			h
Affricate					ʧ, ʤ			
Nasal	m			n			ŋ	
Lateral				l				
Retroflex				r				
Approximant	w					j		

2. Classificação das consoantes do inglês

As consoantes do inglês são classificadas de acordo com o lugar e o modo de articulação. Quanto ao lugar de articulação, as consoantes são classificadas como bilabial, labiodental, interdental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar e glottal. Quanto ao modo de articulação, as consoantes do

inglês são classificadas como stop, fricative, affricate, nasal, lateral, retroflex e approximant.

3. Modo e lugar de articulação das consoantes

As consoantes são distribuídas, como se pode ver no quadro acima, de acordo com o seu *modo* e *lugar* de articulação. O *modo de articulação* indica *como* é feita a construção do som e o *lugar de articulação* indica *onde*, ou seja, em que parte da boca o som é construído. Veremos, a seguir, *como* e *onde* cada consoante é articulada na cavidade bucal.

Observando o quadro acima, nota-se que uma linha transversal divide as consoantes em dois sentidos: na direção vertical – uma seta, apontando para baixo, indica o modo de articulação (*manner of articulation*) e na direção horizontal – uma seta, apontando para frente, indica o lugar de articulação (*place of articulation*). Isto significa que, para se aprender a pronúncia adequada de cada consoante, é preciso, primeiro, entender como e onde os sons são articulados.

3.1 Modo de arriculação

Observe novamente o quadro acima e veja que, na direção vertical – o da seta apontando para baixo, as consoantes que são classificadas quanto ao modo de articulação são as seguintes:

• *Stop: [p, b, t, d, k, g]*

Estas seis consoantes são classificadas como *stop* (oclusivas, em português) porque, durante o processo de articulação dessas consoantes, ocorre um fechamento completo das cordas vocais, que obstroi ou impede a liberação ou saída do ar pela boca. O ar só é liberado mediante a presença de uma vogal, quando há uma vogal subsequente.

• *Fricative: [f, v, θ, ð, s, z, ʃ, ʒ, h]*

Estas nove consoantes são classificadas como *fricative* (fricativas, em português) porque, durante o processo de articulação dessas consoantes, ocorre um

fechamento parcial das cordas vocais que provoca uma fricção por conta da saída apertada do ar pela boca. O ar só é liberado completamente mediante a presença de uma vogal subsequente.

• *Affricate:* [ʧ, ʤ]

Estas duas consoantes são classificadas como affricate (africadas, em português) porque, durante o processo de articulação dessas consoantes, ocorrem dois movimentos articulatórios: primeiro, um fechamento completo das cordas vocais, como na produção de [t, d] e, imediatamente em seguida, uma liberação parcial, como na produção de [ʃ, ʒ]. O ar só é liberado completamente mediante a presença de uma vogal subsequente.

• *Nasal:* [m, n, ŋ]

Estas três consoantes são classificadas como *nasal* (nasais, em português) porque, durante o processo de articulação dessas consoantes, ocorre uma obstrução da saída do ar pela boca e uma liberação parcial pelo nariz. O ar só é liberado completamente mediante a presença de uma vogal subsequente.

• *Lateral:* [l]

Esta consoante é classificada como *lateral* (lateral, em português) porque, durante o processo de articulação dessa consoante, ocorre uma liberação parcial da saída do ar pelos lados da língua. O ar só é liberado completamente mediante a presença de uma vogal subsequente.

• *Retroflex: [r]*

Esta consoante é classificada como *retroflex* (retroflexa, em português) porque, durante o processo de articulação dessa consoante, ocorre um movimento da ponta da língua para trás. O ar só é liberado completamente mediante a presença de uma vogal subsequente.

• *Approximant: [w, j]*

Estas duas consoantes são classificadas como *approximant* (aproximantes, em português) porque, durante o processo de articulação dessas consoantes, elas se comportam como consoantes, mas se realizam como vogais; por isso, estas consoantes são também conhecidas como semivogais.

3.2 Lugar de arriculação

Observe novamente o quadro acima e veja que, na direção horizontal – o da seta apontando para frente, as consoantes que são classificadas quanto ao lugar de articulação são as seguintes:

• *Bilabial: [p, b; m; w]*

Estas quatro consoantes são classificadas como *bilabial* (bilabiais, em português) porque o processo de articulação dessas consoantes é feito com o fechamento dos dois lábios.

• *Labiodental: [f, v]*

Estas duas consoantes são classificadas como *labiodental* (labiodentais, em português) porque o processo de articulação dessas consoantes é feito com o lábio inferior tocando nos dentes superiores.

• *Interdental:* [θ, ð]

Estas duas consoantes são classificadas como *interdental* (interdentais, em português) porque o processo de articulação dessas consoantes é feito com a língua posicionando-se entre os dentes superiores e inferiores.

• *Alveolar: [t, d; s, z; n, l, r]*

Estas sete consoantes são classificadas como *alveolar* (alveolares, em português) porque o processo de articulação dessas consoantes é feito com a língua posicionando-se nos alvéolos (região interna da boca que dá suporte aos dentes superiores). Convém lembrar que, no processo de articulação da pronúncia destas consoantes, em qualquer posição na palavra (no início, no meio, ou no fim da sílaba ou da palavra), a língua tem que ser posicionada nos alvéolos (região da boca que dá suporte aos dentes superiores).

• *Alveolopalatal:* [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]

Estas quatro consoantes são classificadas como *alveolopalatal* (alveopalatais, em português) porque o processo de articulação dessas consoantes é feito com a língua posicionando-se, primeiramente, nos alvéolos e, em seguida, no palato (popularmente chamado “céu da boca”).

• *Palatal: [j]*

Esta consoante é classificada como *palatal* (palatal, em português) porque o processo de articulação dessa consoante é feito com a língua posicionando-se no palato (céu da boca).

• *Velar: [k, g; ŋ]*

Estas três consoantes são classificadas como *velar* (velares, em português) porque o processo de articulação dessas consoantes é feito com a língua posicionando-se na região velar (parte dorsal da boca, perto da garganta).

• *Glottal: [h]*

Esta consoante é classificada como *glottal* (glotal, em português) porque o processo de articulação dessa consoante é feito com a língua posicionando-se na região da glote (chamada "*Pomo de Adão*").

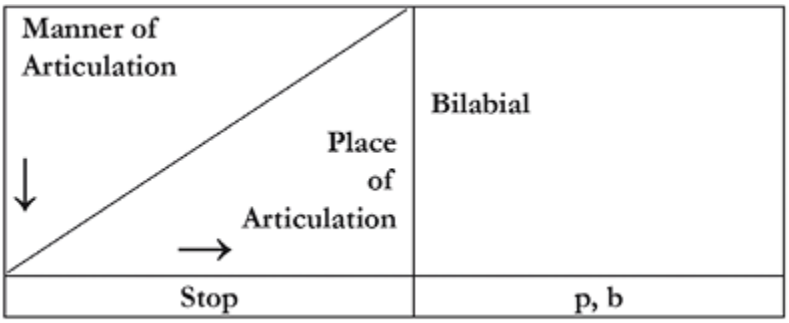
4. Interação entre o modo e o lugar de articulação das consoantes

É de suma importância que o aprendiz de inglês tenha uma boa compreensão sobre o *modo de articulação* (o processo como cada consoante é construída) e sobre o *lugar da articulação* (onde na cavidade bucal cada som é produzido); todavia, além desse conhecimento, é ainda imprescindível saber como estas duas instâncias articulatórias (o modo e o lugar de articulação) interagem para elaboração de cada traço sonoro que constitui o processo articulatório.

Assim, examinando cuidadosamente as figuras abaixo, vejamos, a seguir, como é elaborado o processo de articulação dos fonemas consonantais.

4.1 Processo articulatório – Bilabial stop [p, b]

Quadro 4: Bilabial stop

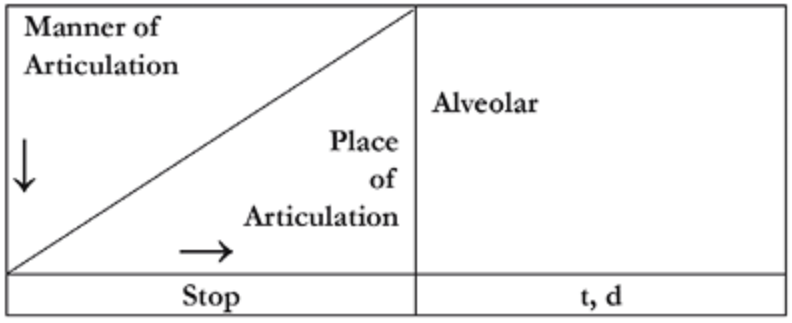


As consoantes [p, b] são classificadas como bilabial (bilabiais, em português) porque são articuladas com fechamento dos dois lábios; e são classificadas como stop (oclusivas, em português) porque os lábios, ao se fecharem, param o processo articulatório, impedindo a saída do ar, que só é liberado com a articulação do som de uma vogal subsequente, se houver.

A diferença entre estes dois sons é que [p] é desvozeado (voiceless, em inglês) e [b] é vozeado (voiced, em inglês). Uma forma de se perceber o desvozeamento de [p] e o vozeamento de [b] é colocar o dedo indicador na sua glote. Ao pronunciar [p], percebe-se que não há vibração na glote; ao pronunciar [b], percebe-se que há vibração na glote. Outra forma de se perceber isso é fechar os ouvidos com os dedos polegares; não se ouve vibração na pronúncia do [p]; e ouve-se vibração na pronúncia do [b]. Há, ainda, uma outra característica sonora que diferencia o [p] do [b]: no início de palavras [e somente no início], o [p] é aspirado e o [b] é não-aspirado. Uma forma de se perceber isto é segurar uma folha de papel entre os dedos indicador e polegar das duas mãos em direção à boca e pronunciar estes dois sons; no [p], a folha vai vibrar; no [b], a folha vai ficar imóvel.

4.2 Processo articulatório – Alveolar stop [t, d]

Quadro 5: Alveolar Stop



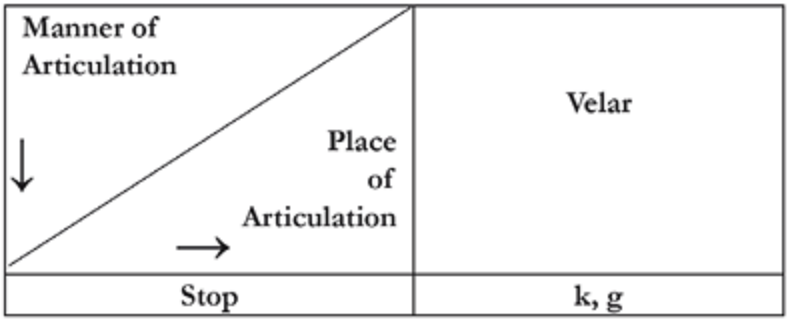
As consoantes [t, d] são classificadas como alveolar (alveolares, em português) porque são articuladas com o posicionamento da língua nos

alvéolos (região interna da boca que dá suporte aos dentes superiores), bem próximo aos dentes superiores; e são classificadas como stop (oclusivas, em português) porque, a língua colada nos alvéolos, para e impede a saída do ar, que só é liberado com a articulação do som de uma vogal subsequente – se houver.

A diferença entre estes dois sons é que *[t]* é *desvozeado* (*voiceless*, em inglês) e *[d]* é *vozeado* (*voiced*, em inglês). Para perceber essa diferença, use o mesmo recurso sugerido anteriormente. Também, em início de palavra, o [t] é aspirado e o [d] é não aspirado. Para perceber essa diferença, use o mesmo recurso sugerido anteriormente.

4.3 Processo articulatório – Velar stop [k, g]

Quadro 6: Velar Stop



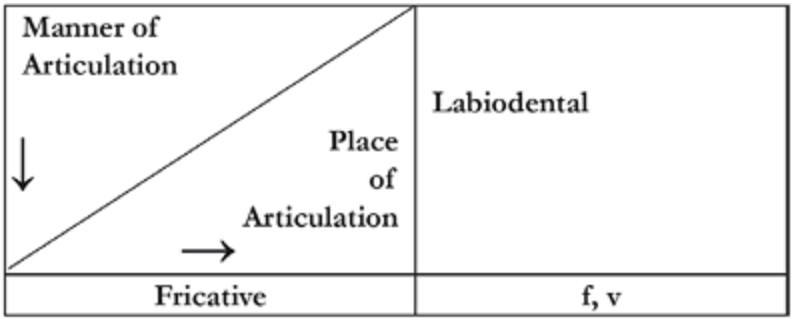
As consoantes [k, g] são classificadas como velar (velares, em português) porque são articuladas com o posicionamento da língua na região velar (céu dorsal da boca), bem perto da garganta; e são classificadas como stop (oclusivas, em português) porque a língua, colada na região velar, para e impede a saída do ar, que só é liberado com a articulação do som de uma vogal subsequente – se houver.

A diferença entre estes dois sons é que *[k]* é *desvozeado* (*voiceless*, em inglês) e *[g]* é *vozeado* (*voiced*, em inglês). Para perceber essa diferença, use o mesmo recurso sugerido anteriormente. Também, em início de

palavra, o [k] é aspirado e o [g] é não aspirado. Para perceber essa diferença, use o mesmo recurso sugerido anteriormente.

4.4 Processo articulatório – Labiodental fricative [f, v]

Quadro 7: Labiodental fricative

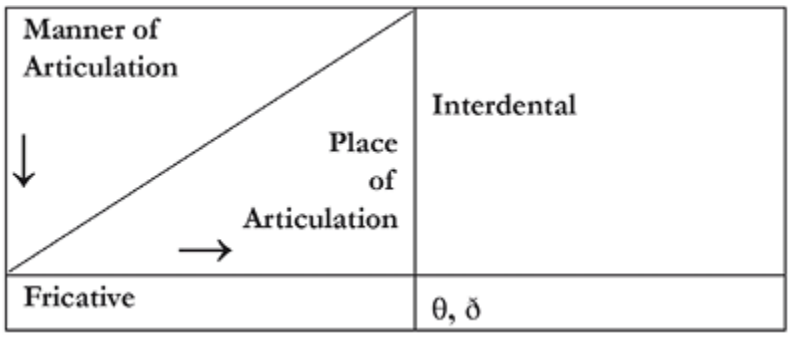


As consoantes *[f, v]* são classificadas como *labiodental* (labiodentais, em português) porque são articuladas com o posicionamento da língua tocando no lábio inferior e nos dentes superiores; e são classificadas como *fricative* (fricativas, em português) porque a língua e os dentes juntos provocam uma fricção na saída do ar da boca.

A diferença entre estes dois sons é que *[f]* é *desvozeado* (*voiceless*, em inglês) e *[v]* é *vozeado* (*voiced*, em inglês). Para perceber essa diferença, use o mesmo recurso sugerido anteriormente.

4.5 Processo articulatório – Interdental fricative *[θ, ð]*

Quadro 8: Interdental fricative

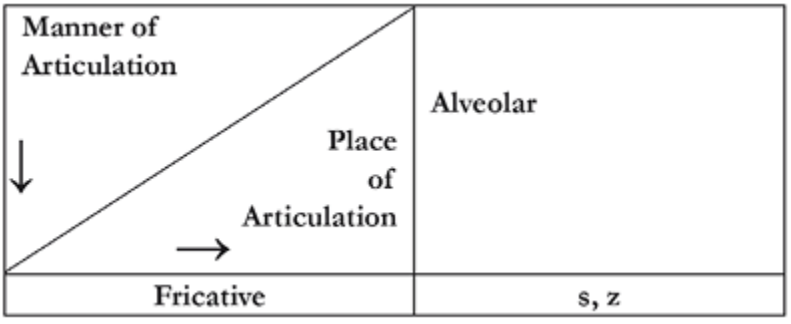


As consoantes [θ, ð] são classificadas como *interdental* (interdentais, em português) porque são articuladas com o posicionamento da língua entre os dentes superiores e inferiores; e são classificadas como *fricative* (fricativas, em português) porque a língua entre os dentes provoca uma fricção na saída do ar da boca.

A diferença entre estes dois sons é que [θ] *é desvozeado* (*voiceless*, em inglês) e [ð] é *vozeado* (*voiced*, em inglês). Para perceber essa diferença, use o mesmo recurso sugerido anteriormente.

4.6 Processo articulatório – Alveolar fricative [s, z]

Quadro 9: Alveolar fricative



As consoantes [s, z] são classificadas como *alveolar* (alveolares, em português) porque são articuladas com o posicionamento da língua nos alvéolos (céu frontal da boca); e são classificadas como *fricative* (fricativas, em português) porque a língua, postada nos alvéolos, provoca uma fricção na saída do ar da boca.

A diferença entre estes dois sons é que [s] é *desvozeado* (*voiceless*, em inglês) e [z] é *vozeado* (*voiced*, em inglês). Para perceber essa diferença, use o mesmo recurso sugerido anteriormente.

4.7 Processo articulatório – Alveopalatal fricative [ʃ, ʒ]

Quadro 10: Alveopalatal fricative

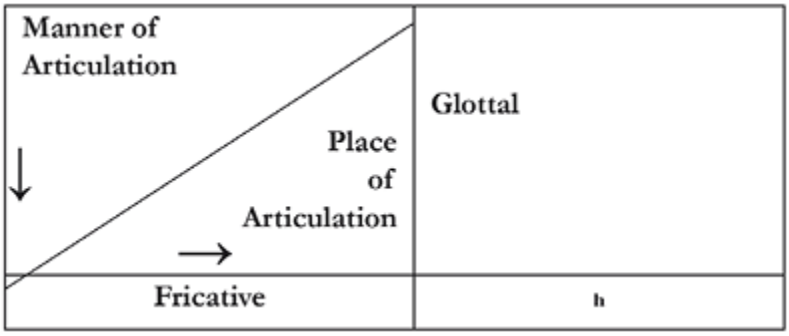
Manner of Articulation ↓ / Place of Articulation →	Alveopalatal
Fricative	ʃ, ʒ

As consoantes [ʃ,ʒ] são classificadas como *alveopalatal* (alveopalatais, em português) porque são articuladas com o movimento da língua, que se posiciona nos alvéolos (céu frontal da boca) e se arrasta para o palato (céu dorsal da boca); e são classificadas como *fricative* (fricativas, em português) porque a língua, postada nos alvéolos e arrastando-se no palato, provoca uma fricção na saída do ar da boca.

A diferença entre estes dois sons é que [ʃ] é *desvozeado* (*voiceless*, em inglês) e [ʒ] é *vozeado* (*voiced*, em inglês). Para perceber essa diferença, use o mesmo recurso sugerido anteriormente.

4.8 Processo articulatório – Glottal fricative [h]

Quadro 11: Glottal fricative

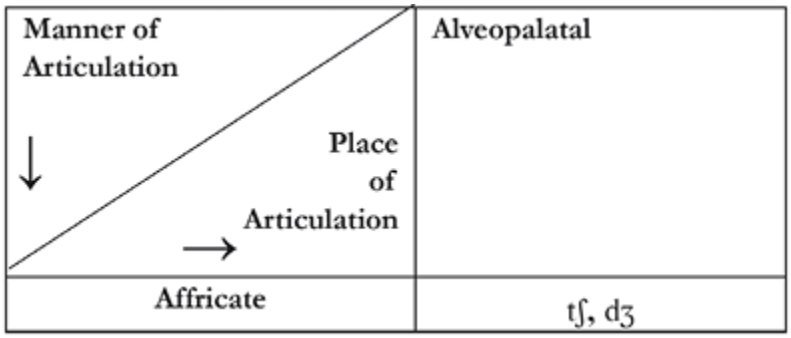


A consoante *[h]* é classificada como *glottal* (glotal, em português) porque é articulada com o posicionamento da língua na região glotal (perto da garganta); e é classificada como *fricative* (fricativa, em português) porque o dorso da língua ao arrastar-se na região glotal provoca uma fricção na saída do ar da boca.

A consoante *[h]* é *desvozeada* (*voiceless*, em inglês).

4.9 Processo articulatório – Alveopalatal affricate [tʃ, dʒ]

Quadro 12: Alveopalatal affricate

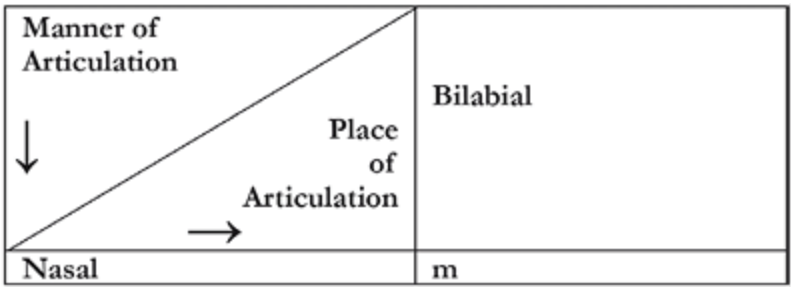


As consoantes [tʃ, dʒ] são classificadas como *alveopalatal* (alveopalatais, em português) porque são articuladas com dois movimentos da língua: primeiro, a língua se posiciona nos alvéolos (céu frontal da boca), como para produzir [t, d] e, imediatamente, se arrasta para o palato (céu dorsal da boca), como para produzir [ʃ, ʒ]; e são classificadas como *affricate* (africadas, em português) porque a língua, postada nos alvéolos e

arrastando-se no palato, apresenta, no início de sua articulação, traços oclusivos e, no final, traços fricativos.

4.10 Processo articulatório – Bilabial nasal [m]

Quadro 13: Bilabial nasal

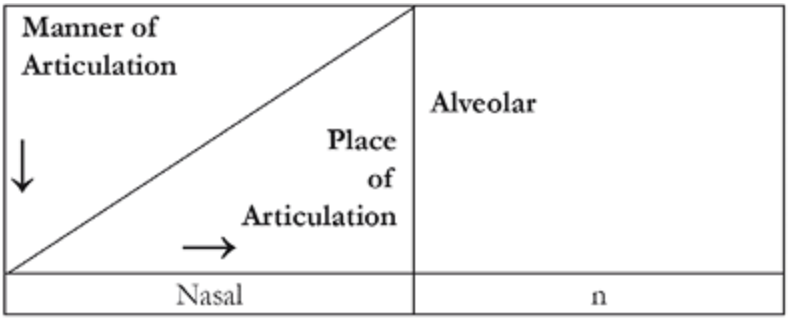


A consoante *[m]* é classificada como *bilabial* (bilabial, em português) porque é articulada com o fechamento dos dois lábios; e é classificada como *nasal* (nasal, em português) porque o movimento de fechamento dos lábios impede a saída do ar pela boca e permite a sua liberação pelo nariz.

A consoante *[m]* é *vozeada* (*voiced*, em inglês).

4.11 Processo articulatório – Alveolar nasal [n]

Quadro 14: Alveolar nasal



A consoante *[n]* é classificada como *alveolar* (alveolar, em português) porque é articulada com o posicionamento da língua nos alvéolos (céu frontal da boca); e é classificada como *nasal* (nasal, em português) porque a

língua colada nos alvéolos impede a saída do ar pela boca, permitindo a sua liberação pelo nariz.

A consoante *[n]* é *vozeada* (*voiced*, em inglês).

4.12 Processo articulatório – Velar nasal ŋ

Quadro 15: Velar nasal

Manner of Articulation ↓ / Place of Articulation →	Velar
Nasal	ŋ

A consoante ŋ é classificada como *velar* (velar, em português) porque é articulada com o posicionamento do dorso da língua na região velar (perto da garganta); e é classificada como *nasal* (nasal, em português) porque a língua postada na região velar impede a saída do ar pela boca, permitindo a sua liberação pelo nariz.

A consoante ŋ é *vozeada* (*voiced*, em inglês).

4.13 Processo articulatório – Alveolar lateral [l]

Quadro 16: Alveolar lateral

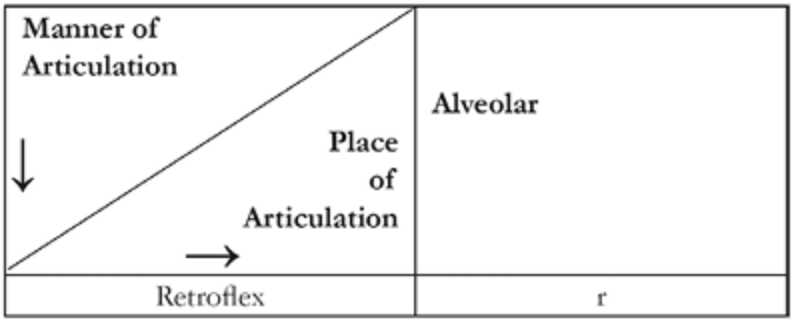
Manner of Articulation ↓ / Place of Articulation →	Alveolar
Lateral	l

A consoante [*l*] é classificada como alveolar (alveolar, em português) porque é articulada com o posicionamento da língua nos alvéolos (céu frontal da boca); e é classificada como lateral (lateral, em português) porque a língua, colada nos alvéolos, só permite a saída do ar pelas laterais da língua.

A consoante *[l]* é *vozeada* (*voiced*, em inglês).

4.14 Processo articulatório – Alveolar retroflex [r]

Quadro 17: Alveolar retroflex



A consoante *[r]* é classificada como *alveolar* (alveolar, em português) porque é articulada com o posicionamento da língua nos alvéolos (céu frontal da boca); e é classificada como *retroflex* (retroflexa, em português) porque durante o processo de articulação dessa consoante ocorre um movimento da ponta da língua para trás.

A consoante *[r]* é *vozeada* (*voiced*, em inglês).

4.15 Processo articulatório – Bilabial approximant [w]

Quadro 18: Bilabial approximant

Manner of Articulation ↓ / Place of Articulation →	Bilabial
Approximant	W

A consoante *[w]* é classificada como *bilabial* (bilabial, em português) porque é articulada com o fechamento dos dois lábios; e é classificada como *approximant* (aproximante, em português) porque, durante o processo de articulação, ela se comporta fonologicamente como a vogal [u] e tem uma estrutura fonética de consoante.

A consoante *[w]* é *vozeada* (*voiced*, em inglês).

4.16 Processo articulatório – Palatal approximant [j]

Quadro 19: Palatal approximant

Manner of Articulation ↓ / Place of Articulation →	Palatal	[redacted]
Approximant	j	

A consoante *[j]* é classificada como *palatal* (palatal, em português) porque é articulada com a língua posicionada no palato (céu dorsal da boca); e é classificada como *approximant* (aproximante, em português) porque, durante o processo de articulação, ela se comporta fonologicamente como a vogal [i] e tem uma estrutura fonética de consoante.

A consoante *[j]* é *vozeada* (*voiced*, em inglês).

Capítulo 5

REGRAS DE PRONÚNCIA DE PALAVRAS COM BASE NA CORRESPONDÊNCIA GRAFÊMICO-FONOLÓGICA DAS SÍLABAS

As regras grafêmico-fonológicas, abaixo apresentadas, permitem ao usuário da língua inglesa prever a pronúncia de um fonema, representado por um grafema num dado contexto silábico. Embora o sistema escrito do inglês não seja tão transparente quanto o do português, é possível valer-se deste potencial para aplainar ao estudante adolescente ou adulto do inglês como L2 a automatização de tais correspondências, no que diz respeito às vogais.

1. Regra 1: CVC (Consoante+Vogal+Consoante)

Esta regra é apresentada na seguinte fórmula: [C_C] é uma sílaba tônica, na qual (C) representa a consoante inicial, (_) representa o lugar da vogal, e (C) representa a consoante final. Esta regra é aplicável a todas as cinco vogais (a, e, i, o, u), quando ocorrem em sílaba forte (tônica) e nesse mesmo contexto silábico. As cinco vogais são pronunciadas conforme representação dos fonemas abaixo de cada grafema.

Quadro 20: Regra 1 - CVC (CONSOANTE+VOGAL+CONSOANTE)

“a”	“e”	“i”	“o”	“u”
/æ/	/ɛ/	/ɪ/	/ɒ/	/ʌ/

Exemplos com palavras monossilábicas

bat/bæt/	men/mɛn/	sit/sɪt/	god/gɒd/	bug/bʌg/
cap/kæp/	bell/bɛl/	bill/bɪl/	dog/dɒg/	cut/kʌt/
lab/læb/	kept/kɛpt/	pink/pɪŋk/	hot/hɒt/	luck/lʌk/
man/mæn/	get/gɛt/	sing/sɪŋ/	lock/lɒk/	mud/mʌd/
sat/sæt/	pet/pɛt/	swim/swɪm/	stop/stɒp/	truck/trʌk/

Ao examinar a pronúncia de cada uma das vogais nas palavras das colunas acima, correspondentes aos cinco grafemas vocálicos (letras), pode-se constatar que todas elas ocorrem no mesmo contexto silábico: CVC (CONSOANTE+VOGAL+CONSOANTE) e os fonemas vocálicos em cada coluna representam um tipo de correspondência grafêmico-fonológica entre letra (grafema) e som (fonema). Assim, qualquer palavra da língua inglesa que tenha esta mesma estrutura silábica seguirá esta regra de pronúncia.

Todavia, o aprendiz de inglês, falante do PB, além de reconhecer essa correspondência entre letra e som de uma palavra, vai precisar de muita prática para adquirir uma boa pronúncia e reproduzir os sons adequadamente. Por isso, vamos examinar novamente as palavras no quadro acima para vermos como os sons, tanto vocálicos como consonantais, são produzidos.

Na primeira coluna, em que temos a correspondência do fonema /æ/ com o grafema "a", estudemos a construção sonora da palavra *bat:* a estrutura silábica é CVC (consoante+vogal+consoante); nessa estrutura, o grafema "a" é representado foneticamente pelo som (fonema) /æ/, que se pronuncia como [é] do PB, porém com a parte frontal da língua abaixada e a boca bem aberta. Observe-se que a vogal [a], na palavra *bat*, é antecedida pelo som consonantal [b], que é descrito em inglês como *bilabial stop*

(bilabial oclusivo) e seguida pelo som consonantal [t], que é descrito em inglês como *alveolar stop* (alveolar oclusivo). A pronúncia da consoante inicial [b] não é problemática para o aprendiz brasileiro porque é produzida com o mesmo gesto articulatório do português; porém, a pronúncia da consoante final [t] requer muita atenção do aprendiz porque, por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser *stop*, a língua deve ficar parada naquela posição.

Repetindo três vezes os gestos articulatórios da palavra *bat*! Não se esquecendo de: na vogal /æ/, baixar a língua e abrir bem a boca; e, na consoante final [t], levantar e tocar a ponta da língua nos alvéolos (céu frontal da boca, no pé dos dentes superiores) e manter a língua colada naquela posição, evitando africação e adição de vogal epentética):

[bæt, bæt, bæt ...]

Na palavra *cap*, segunda palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /æ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /p/, que é *bilabial stop*. Por ser bilabial, os lábios devem ser fechados na sua articulação; e, por ser *stop*, os lábios devem continuar fechados para evitar o acréscimo de uma vogal epentética, ou vogal de apoio.

Repetindo: (não se esquecendo de baixar a língua e abrir bem a boca, na vogal, e fechar os lábios, na consoante final, evitando a adição epentética):

[kæp, kæp, kæp ...]

Na palavra *lab*, terceira palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /æ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /b/, que é *bilabial stop*. Por ser bilabial, os lábios devem ser fechados na sua

articulação; e, por ser *stop*, os lábios devem continuar fechados para evitar o acréscimo de uma vogal de apoio.

Repetindo: (não se esquecendo de baixar a língua e abrir bem a boca, na vogal, e de manter os lábios fechados, na consoante final, evitando a adição epentética:

[læb, læb, læb ...]

Na palavra *man*, quarta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /æ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /n/, que é *alveolar nasal*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada e mantida nos alvéolos; e, por ser *nasal*, o ar deve escapar pelo nariz.

Repetindo: não se esquecendo de baixar a língua e abrir bem a boca, na vogal, e de elevar e manter a língua nos alvéolos, na consoante final, deixando o ar escapar pelo nariz. Lembre-se: depois [e somente depois] de baixar a língua, abrindo bem a boca para pronunciar a vogal /æ/ é que se eleva a língua até os alvéolos para pronunciar o /n/, evitando, assim, a nasalização da vogal.

[mæn, mæn, mæn ...]

Na palavra *sat*, quinta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /æ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada e mantida nos alvéolos; e, por ser *stop*, a língua deve ficar parada nos alvéolos, evitando-se africação e adição de vogal de apoio.

Repetindo: não se esquecendo de baixar a língua e abrir bem a boca, na vogal, e de elevar a língua até os alvéolos, na consoante final, evitando africação e adição epentética:

[sæt], [sæt], [sæt ...]

Na segunda coluna, em que temos a correspondência do fonema /ɛ/ com o grafema "e", estudemos a construção sonora da palavra *men*: a estrutura silábica é CVC; nessa estrutura, o grafema "e" é representado foneticamente pelo som /ɛ/, que se pronuncia como [é] do PB. A posição da língua, na pronúncia da vogal /ɛ/ é na altura frontal média da boca [essa posição frontal média da língua é exatamente o que a diferencia da vogal baixa /æ/, em que a língua é colocada na altura frontal baixa da boca]. Chama-se a atenção para a pronúncia do grafema final "n" convertido no fonema /n/. Por ser alveolar, na pronúncia do /n/, a língua eleva-se até os alvéolos; porém, insiste-se em lembrar que o levantamento da língua até os alvéolos deve ocorrer somente após a consolidação da pronúncia de /ɛ/, para se evitar-se a nasalização da vogal anterior.

Repetindo: (não se esquecendo de posicionar a língua na altura média da boca, para /ɛ/ e, depois, elevar a língua até os alvéolos, na consoante final /n/, evitando a nasalização da vogal:

[mɛn, mɛn, mɛn...]

Na palavra *bell*, segunda palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɛ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /l/, que é *alveolar lateral*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada e mantida nos alvéolos; e, por ser *lateral*, o ar deve escapar pelos lados da língua.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar e manter a língua nos alvéolos, na consoante final, deixando o ar escapar pelos lados da língua:

[bɛl, bɛl, bɛl ...]

Na palavra *kept*, terceira palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɛ/, mas é preciso atenção com a pronúncia das duas consoantes finais /pt/: o [p] é *bilabial stop* e, por isso, em sua articulação, os lábios devem ser fechados; o [t] é *alveolar stop* e, por isso, a língua deve ser colocada nos alvéolos e mantida lá, evitando-se acréscimo de vogal de apoio.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar os lábios no [p]; e muita atenção ao passar de [p] para [t]: no [p], os lábios estarão fechados; na sequência para [t], os lábios se abrem, mas somente a ponta da língua, sem produção de som, movimenta-se para tocar na superfície alveolar, evitando adição de vogal de apoio:

[kɛpt, kɛpt, kɛpt ...]

Na palavra *get*, quarta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɛ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /θ/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada e mantida nos alvéolos; e, por ser *stop*, a língua deve ficar parada nos alvéolos, evitando-se africação e adição de vogal de apoio.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar e manter a língua nos alvéolos, na consoante final, evitando africação e adição de vogal de apoio):

[gɛt, gɛt, gɛt ...]

Na palavra *pet*, quinta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɛ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada e

mantida nos alvéolos; e, por ser *stop*, a língua deve ficar parada nos alvéolos, evitando-se africação e adição de vogal de apoio.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar e manter a língua nos alvéolos, na consoante final, evitando africação e adição de vogal de apoio:

[pɛt, pɛt, pɛt ...]

Na terceira coluna, em que temos a correspondência do fonema /ɪ/ com o grafema "i", estudemos a construção sonora da palavra *sit*: a estrutura silábica é CVC; nessa estrutura, o grafema "i" é representado foneticamente pelo som /ɪ/, que se pronuncia como [ê] do PB. A posição da língua na pronúncia da vogal /ɪ/ é na parte alta frontal da boca. Essa vogal, na palavra *sit*, é antecedida pelo som consonantal /s/, que é descrito em inglês como *alveolar fricative* (alveolar fricativo, no PB) e seguida pelo som consonantal /t/, que é descrito em inglês como *alveolar stop* (alveolar oclusivo). Por ser alveolar, a língua é colocada nos alvéolos e, por ser *stop*, a língua fica parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de manter a língua colada nos alvéolos, na consoante final, evitando africação e adição epentética:

[sɪt, sɪt, sɪt ...]

Na palavra *bill*, segunda palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /l/, que é *alveolar lateral*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada e mantida nos alvéolos; e, por ser *lateral*, o ar deve escapar pelos lados da língua.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar e manter a língua nos alvéolos, na consoante final, deixando o ar escapar pelos lados da língua:

[bɪl, bɪl, bɪl ...]

Na palavra *pink*, terceira palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia das consoantes finais “nk”: por vir antes de “k”, [n] muda da posição alveolar para a posição velar, convertendo-se no fonema ŋ (articulado com a língua na região velar [céu dorsal da boca], com saída do ar pelo nariz); o “k” se mantém como *velar stop* [k]. Por ser velar, a língua deve ser colocada e mantida na região velar (no céu dorsal da boca, perto da garganta); e por ser *stop*, deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar e manter a língua nas duas posições; primeiro, na região velar, liberando o ar pelo nariz, para [N]; em seguida, manter a língua na região velar, articulando suavemente o som [k], sem adição de vogal de apoio:

[pɪŋk, pɪŋk, pɪŋk ...]

Na palavra *sing*, Quarta palavra da terceira coluna firm /fɜrm /, mas é preciso atenção com a pronúncia das consoantes finais “ng”: por vir antes de “g”, o “n” velariza-se ŋ absorvendo os dois grafemas “ng” (articulado com a língua na região velar [céu dorsal da boca], com saída do ar pelo nariz); devido ŋ ser velar, a língua deve ser colocada e mantida na região velar (no céu dorsal da boca); e, por ser *stop*, a língua deve ficar parada na região velar, evitando adição epentética.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar e manter a língua na região velar e liberando o ar pelo nariz):

[sɪŋ, sɪŋ, sɪŋ ...]

Na palavra *swim*, quinta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /m/, que é *bilabial nasal*. Por ser bilabial, os lábios devem ser fechados na sua articulação; e, por ser *nasal*, o ar deve escapar pelo nariz.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar os lábios na articulação do /m/ final, deixando o ar escapar pelo nariz):

[swɪm, swɪm, swɪm ...]

Na quarta coluna, em que temos a correspondência do fonema /ɒ/ com o grafema "o", estudemos a construção sonora da palavra *god*: a estrutura silábica é CVC; nessa estrutura, o grafema "o" é representado foneticamente pelo som /ɒ/, que se pronuncia como [a] do PB, porém com a parte dorsal da língua abaixada na boca. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /g/, que é descrito em inglês como *velar stop* (velar oclusivo) e seguida pelo som consonantal /d/, que é descrito em inglês como *alveolar stop* (alveolar oclusivo). Por ser alveolar, na pronúncia de /d/, a língua é colocada nos alvéolos e, por ser *stop*, a língua fica parada lá, evitando africação e adição de vogal de apoio.

Repetindo: (não se esquecendo de abaixar a parte dorsal da língua, na vogal, e de levantar e manter a parte frontal da língua colada nos alvéolos, na consoante final, evitando africação e adição de vogal epentética):

[gɒd, gɒd, gɒd ...]

Na palavra *dog*, segunda palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɒ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /g/, que é *velar stop*. Por ser velar, a língua deve ser colocada na região

velar (céu dorsal da boca) e, por ser *stop*, a língua deve ficar parada lá, evitando adição de vogal de apoio.

Repetindo!!! (não se esquecendo de colocar a língua na região velar, na consoante /g/ final, mantendo-a parada naquela posição):

[dɒg, dɒg, dɒg ...]

Na palavra *hot*, terceira palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɒ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser stop, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos na consoante final /t/, deixando-aparada lá):

[hɒt, hɒt, hɒt ...]

Na palavra *lock*, quarta palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɒ/, mas é preciso atenção com a pronúncia das consoantes finais – o dígrafo "ck", que se converte no fonema /k/, que é *velar stop*. Por ser velar, a língua deve ser colocada na região velar (céu dorsal da boca) e, por ser *stop*, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar na consoante final /k/, deixando-a parada lá:

[lɒk,lɒk,lɒk ...]

Na palavra *stop*, quinta palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɒ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /p/,

que é *bilabial stop*. Por ser bilabial, os lábios devem ser fechados na sua articulação e, por ser stop, os lábios devem permanecer fechados.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar e manter fechados os lábios na consoante final /p/:

[stɒp, stɒp, stɒp ...]

Na quinta coluna, em que temos a correspondência do fonema /ʌ/ com o grafema "u", estudemos a construção sonora da palavra *bug*: a estrutura silábica é CVC; nessa estrutura, o grafema "u" é representado foneticamente pelo som /ʌ/, que se pronuncia como [a] do PB, porém com a língua em altura média central na boca. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /g/, que é descrito em inglês como *bilabial stop* (bilabial oclusivo) e seguida pelo som consonantal /g/, que é descrito em inglês como *velar stop* (velar oclusivo). Por ser velar, a língua é colocada na região velar (céu dorsal da boca) e, por ser *stop*, a língua fica parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua em posição média central na boca, na vogal, e de colocar a língua na região velar da boca, na consoante final, evitando africação e adição epentética):

[bʌg, bʌg, bʌg ...]

Na palavra *cut*, segunda palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ʌ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser stop, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo!!! (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos na consoante final /t/, deixando-a parada lá):

[kʌt, kʌt, kʌt ...]

Na palavra *luck*, terceira palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ʌ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /k/, que é *velar stop*. Por ser velar, a língua deve ser colocada na região velar (céu dorsal da boca) e, por ser stop, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar na consoante final /t/, deixando-a parada lá:

[lʌk, lʌk, lʌk ...]

Na palavra *mud*, quarta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ʌ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /d/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser stop, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /d/, deixando-a parada lá:

[mʌd, mʌd, mʌd ...]

Na palavra *truck*, quinta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ʌ/, mas é preciso atenção com a pronúncia das consoantes finais “ck”, dígrafo que se converte no fonema *velar stop /k/*. Por ser velar, a língua deve ser colocada na região velar (céu dorsal da boca) e, por ser *stop*, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar, na consoante final /k/, deixando-a parada lá):

[trʌk, trʌk, trʌk ...]

2. Regra 2: CVC+e# (Consoante+Vogal+Consoante+e# (mudo) em final de palavra)

Esta regra é apresentada na seguinte fórmula: [C_C+e#] é uma sílaba tônica, em que (C) representa a consoante inicial, (_) representa o lugar da vogal, e (C+e#) representa a consoante final, seguida da vogal "e", em final de palavra. Esta regra é aplicável a todas as cinco vogais (a, e, i, o, u), quando ocorrem em sílaba tônica e nesse mesmo contexto silábico. Estas cinco vogais são pronunciadas, conforme representação dos fonemas abaixo de cada grafema. Observe-se que o tipo de pronúncia, adotado para referir-se às cinco letras vogais do alfabeto inglês, obedece à regra grafêmico-fonológica que condiciona as respectivas pronúncias das cinco vogais, aqui referida como Regra 2: CVC+e.

Quadro 21: Regra 2 - CVC+e (CONSOANTE+VOGAL+CONSOANTE+e# (mudo) em final de palavra)

"a"	"e"	"i"	"o"	"u"
/eɪ/	/i/	/aɪ/	/oʊ/	/ɪu/

Exemplos com palavras monossilábicas:

bake /beɪk/	scene/sin/	bite/baɪt/	cote/koʊt/	cute/kɪʊt/
fate/feɪt/	gene/ dʒin/	site/saɪt/	rode/ roʊd/	mule/ mɪʊl/
male/ meɪl/	theme/ θim/	five/faɪv/	hole/hoʊl/	fume/ fɪʊm/
same/ seɪm/	scheme/ skim/	mile/maɪl/	stone/ stoʊn/	mute/ mɪʊt/
jane/ dʒeɪm/	pete/pit/	nine/naɪn/	vote/voʊt/	huge/hɪʊ dʒ/

Ao examinar a pronúncia de cada uma das palavras nas colunas acima, correspondentes aos cinco grafemas vocálicos (letras), pode-se constatar que todas elas ocorrem no mesmo contexto silábico: CVC+e# (CONSOANTE+VOGAL+CONSOANTE+e#) e os fonemas vocálicos em cada coluna representam um tipo de correspondência grafêmico-fonológica entre letra (grafema) e som (fonema). Assim, qualquer palavra da língua inglesa que tenha esta mesma estrutura silábica seguirá esta regra de pronúncia.

Todavia, o aprendiz de inglês, falante do PB, além de reconhecer essa correspondência entre letra e som de uma palavra, vai precisar de muita prática para adquirir uma boa pronúncia e reproduzir os sons adequadamente. Por isso, vamos examinar novamente as palavras no quadro acima para vermos como os sons, tanto vocálicos como consonantais, são produzidos.

Na primeira coluna, em que temos a correspondência do ditongo /eɪ/ com o grafema "a", estudemos a construção sonora da palavra *bake*: a estrutura silábica é CVC+e#; nessa estrutura, o grafema "a" é representado foneticamente pelo som /eɪ/, que se pronuncia como [ei] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /b/, que é descrito em inglês como *bilabial stop* (bilabial oclusivo) e seguida pela consoante /k/, descrita em inglês como *velar stop*; esta, por sua vez, é seguida pelo grafema vocálico "e", que, por estar em final de palavra, converte-se no fonema *zero*, ou seja, não é pronunciado. Por conta da não realização fonética do grafema "e", o último som desse tipo de palavra é o da penúltima letra – no caso da palavra *bake*, o último som é /k/ que, por ser velar, a língua é posicionada na região velar (céu dorsal da boca) e, por ser *stop*, a língua deve ficar colada lá na região velar.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua região velar, na consoante final, deixando a língua colada lá, para evitar adição epentética):

[beɪk, beɪk, beɪk ...]

Na palavra *fate*, segunda palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /eɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser stop, a língua deve ficar parada lá, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /t/, deixando-a parada lá):

[feɪt, feɪt, feɪt ...]

Na palavra *male*, terceira palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /eɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /l/, que é *alveolar lateral*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser lateral, o ar deve ser liberado pelos lados da língua, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /l/, deixando o ar escapar pelos lados da língua):

[meɪl, meɪl, meɪl ...]

Na palavra *same*, quarta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /eɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /m/, que é *bilabial nasal*. Por ser bilabial, os lábios devem se fechar em sua

articulação e, por ser nasal, o ar deve ser liberado pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema "e" final é fonema zero, ou seja, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar os lábios, na consoante final /m/, deixando o ar escapar pelo nariz e evitando a vogal epentética):

[seɪm, seɪm, seɪm ...]

Na palavra *jane*, quinta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /eɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /n/, que é *alveolar nasal*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos e, por ser nasal, o ar deve ser liberado pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /n/, deixando o ar escapar pelo nariz, evitando a vogal epentética):

[ʤeɪm, ʤeɪm, ʤeɪm ...]

Na segunda coluna, em que temos a correspondência do fonema /i/ com o grafema "e", estudemos a construção sonora da palavra *scene*: a estrutura silábica é CVC+e#; nessa estrutura, o grafema "e" é representado foneticamente pelo som /i/, que se pronuncia como [ii] do PB, um pouco mais prolongado. A posição da língua, na pronúncia da vogal /i/ é na altura frontal alta da boca. Na palavra *scene*, essa vogal é antecedida pelo dígrafo "sc", que é representado pelo fonema /s/ que é descrito em inglês como *alveolar fricative* (alveolar fricativo) e seguida do grafema consonantal "n", que se converte no fonema /n/. Por conta da não realização fonética do grafema "e", o último som desse tipo de palavra é o da penúltima letra – no caso da palavra *scene*, o último som é /n/ que, por ser alveolar, a língua é

posicionada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser nasal, o ar deve escapar pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema “e” final não é fonema e, por isso, é mudo):

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /n/, deixando o ar scapar pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema “e” final não é fonema e, por isso, é mudo):

[sɪŋ, sɪŋ, sɪŋ ...]

Na palavra *gene*, segunda palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /i/, mas é preciso atenção na pronúncia da consoante inicial, em que o grafema “g” converte-se no fonema alveopalatal africado /dʒ/ e na consoante /n/, que é o último som da palavra, pois o grafema “e” final não se converte em fonema; logo, é mudo. Portanto, como o /n/ é alveolar nasal, a língua deve ser colocada nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelo nariz.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /n/, deixando o ar escapar pelo nariz, não esquecendo de que o grafema “e” final não é fonema e, por isso, é mudo:

[dʒin, dʒin, dʒin...]

Na palavra *theme*, terceira palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /i/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante inicial /θ/, descrita em inglês como *interdental* (interdental, em português) e, por ser interdental, é pronunciada com a ponta da língua posicionada entre os dentes. Também é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /m/, que é *bilabial nasal*. Por ser bilabial, os lábios se fecham na sua articulação e, por ser nasal, o ar deve ser liberado pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema “e” final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua entre os dentes na consoante inicial /θ/ e de fechar os lábios, na consoante final /m/, deixando o ar escapar pelo nariz, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo):

[θim, θim, θim ...]

Na palavra *scheme*, quarta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /i/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /m/, que é *bilabial nasal*. Por ser bilabial, os lábios se fecham em sua articulação e, por ser nasal, o ar deve ser liberado pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar os lábios, na consoante final /m/, deixando o ar escapar pelo nariz, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo):

[skim, skim, skim ...]

Na palavra *pete*, quinta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /i/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, os lábios devem ser colocados nos alvéolos e, por ser *stop*, a língua deve ficar colada lá, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /t/, deixando-a colada lá, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo):

[pit, pit, pit ...]

Na terceira coluna, em que temos a correspondência do ditongo /aɪ/ com o grafema “i”, estudemos a construção sonora da palavra *bite*: a estrutura silábica é CVC+e#; nessa estrutura, o grafema “i” é representado foneticamente pelo ditongo /aɪ/, que se pronuncia como [ai], do PB. Essa vogal é antecedida pelo grafema “b”, que é representado pelo fonema /b/ que é descrito em inglês como *bilabial stop* (bilabial oclusivo) e seguida do grafema consonantal “t”, que se converte no fonema /t/. Por conta da não realização fonética do grafema “e”, o último som desse tipo de palavra é o da penúltima letra – no caso da palavra *bite*, o último som é /t/ que, por ser alveolar, a língua é posicionada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser *stop*, a língua deve ficar colada lá, não se esquecendo de que o grafema “e” final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /t/, deixando-a colada lá, não se esquecendo também de que o grafema “e” final não é fonema e, por isso, é mudo):

[baɪt, baɪt, baɪt ...]

Na palavra *site*, segunda palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /aɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, os lábios devem ser colocados nos alvéolos e, por ser *stop*, a língua deve ficar colada lá, não se esquecendo de que o grafema “e” final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /t/, deixando-a colada lá, não se esquecendo também que o grafema “e” final não é fonema e, por isso, é mudo):

[saɪt, saɪt, saɪt ...]

Na palavra *five*, terceira palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /aɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /v/, que é *labiodental fricative*. Por ser labiodental, os lábios inferiores devem ser colocados na ponta dos dentes superiores e, por ser fricativa, é provocada uma frição na saída do ar pela boca, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar os lábios inferiores na ponta dos dentes superiores, na consoante final /v/, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo:

[faɪv, faɪv, faɪv ...]

Na palavra *mile*, quarta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /aɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /l/, que é *alveolar lateral*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos e, por ser lateral, o ar sai pelos lados da língua, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /l/, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo):

[maɪl, maɪl, maɪl ...]

Na palavra *nine*, quinta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /aɪ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /n/, que é *alveolar nasal*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos e, por ser nasal, o ar sai pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /n/, liberando a saída do ar pelo nariz e não se esquecendo também de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo:

[naɪn, naɪn, naɪn ...]

Na quarta coluna, em que temos a correspondência do ditongo /oʊ/ com o grafema "o", estudemos a construção sonora da palavra *cote*: a estrutura silábica é CVC+e#; nessa estrutura, o grafema "o" é representado foneticamente pelo ditongo /oʊ/, que se pronuncia como [ou] do PB. Essa vogal é antecedida pelo grafema "c", que é representado pelo fonema /k/ que é descrito em inglês como *velar stop* (velar oclusivo) e seguida do grafema consonantal "t", que se converte no fonema /t/. Por conta da não realização fonética do grafema "e", o último som desse tipo de palavra é o da penúltima letra – no caso da palavra *cote*, o último som é /t/ que, por ser alveolar, a língua é posicionada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser *stop*, a língua deve ficar colada lá, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /t/, deixando-a colada lá, não esquecendo também de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo:

[koʊt, koʊt, koʊt ...]

Na palavra *rode*, segunda palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para a vogal /oʊ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante inicial /r/ e da final /d/; o som inicial /r/ é *alveolar retroflex* e sua pronúncia requer dois movimentos da língua: primeiro, o seu posicionamento tocando nos alvéolos; segundo, um leve recuo da ponta da língua para trás da boca;

o som final /d/ é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos e, por ser *stop*, a língua deve ficar colada lá, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos com leve recuo de sua extremidade na consoante inicial /r/; e na consoante final /d/, a língua eleva-se novamente até os alvéolos e se mantém lá parada, visto que /d/ é o último som da palavra, pois o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo):

[roʊd, roʊd, roʊd ...]

Na palavra *hole*, terceira palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para a vogal /oʊ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante inicial /h/ e da final /l/; o som inicial /h/ é *glottal fricative* e sua pronúncia requer o posicionamento da língua na região da glote; o som final /d/ é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos e, por ser stop, a língua deve ficar colada lá, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região glotal na pronúncia do som inicial /h/; e nos alvéolos, na consoante final /l/. Lembre-se que /l/ é o último som da palavra, pois o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo. Assim, no som final, a língua fica colada nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelas laterais da língua):

[hoʊl, hoʊl, hoʊl ...]

Na palavra *stone*, quarta palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para a vogal /oʊ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /n/, que é *alveolar nasal*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos

alvéolos e, por ser nasal, o ar deve ser liberado pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /n/; sendo /n/ o último som, pois o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo, a língua fica colada nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelo nariz):

[stoʊn, stoʊn, stoʊn ...]

Na palavra *vote*, quinta palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para a vogal /oʊ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos e, por ser stop, a língua deve ficar colada lá, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /t/; sendo /t/ o último som, pois o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo, a língua fica colada nos alvéolos):

[voʊt, voʊt, voʊt ...]

Na quinta coluna, em que temos a correspondência do ditongo /ɪʊ/ com o grafema "u", estudemos a construção sonora da palavra *cute*: a estrutura silábica é CVC+e#; nessa estrutura, o grafema "u" é representado foneticamente pelo ditongo /ɪʊ/, que se pronuncia como [iu], do PB. Essa vogal é antecedida pelo grafema "c", que é representado pelo fonema /k/ que é descrito em inglês como *velar stop* (velar oclusivo) e seguida do grafema consonantal "t", que se converte no fonema /t/. Por conta da não realização fonética do grafema "e", o último som desse tipo de palavra é o da penúltima letra – no caso da palavra *cute*, o último som é /t/ que, por ser

alveolar, a língua é posicionada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser *stop*, a língua deve ficar colada lá, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /t/, deixando-a colada lá, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo):

[kʉt, kʉt, kʉt ...]

Na palavra *mule*, segunda palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ʉ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /l/, que é *alveolar lateral*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos e, por ser lateral, o ar deve ser liberado pelos lados da língua, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /l/; sendo /l/ o último som, pois o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo, a língua fica colada nos alvéolos, liberando a saída do ar pelos lados da língua):

[mʉl, mʉl, mʉl ...]

Na palavra *fume*, terceira palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ʉ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /m/, que é *bilabial nasal*. Por ser bilabial, os lábios são fechados na sua articulação e, por ser nasal, o ar deve ser liberado pelo nariz, não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar os lábios na consoante final /m/; sendo /m/ o último som, pois o grafema "e" final não é fonema e, por

isso, é mudo, os lábios devem ser fechados na sua articulação, liberando a saída do ar pelo nariz):

[fiʊm, fiʊm, fiʊm ...]

Na palavra *mute*, quarta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɪʊ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos e, por ser stop, a língua deve ficar colada lá, não esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /t/; sendo /t/ o último som, pois o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo, a língua deve ficar colada nos alvéolos):

[mɪʊt, mɪʊt, mɪʊt ...]

Na palavra *huge*, quinta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɪʊ/, mas é preciso atenção com a pronúncia da consoante final "g", que se converte no fonema /dʒ/, que é *alveopalatal affricate*. Por ser alveopalatal, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca), escorregando para o palato (céu dorsal da boca), não se esquecendo de que o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, escorregando para o palato, na consoante final /dʒ/, sendo /dʒ/ o último som, pois o grafema "e" final não é fonema e, por isso, é mudo):

[hɪʊdʒ, hɪʊdʒ, hɪʊdʒ ...]

3. Regra 3: CVR (Consonant+Vowel+R)

Esta regra é apresentada na seguinte fórmula: [C_R] é uma sílaba tônica, onde (C) representa a consoante inicial, (_) representa o lugar da vogal, e (R) representa a letra "r", como consoante final. Esta regra é aplicável a todas as cinco vogais (a, e, i, o, u), quando ocorrem em sílaba tônica e nesse mesmo contexto silábico. Estas cinco vogais são pronunciadas, conforme representação dos fonemas abaixo de cada grafema.

Quadro 22: Regra 3 - CVR (CONSONANT+VOWEL+R)

"a"	"e"	"i"	"o"	"u"
/ɑ/	/ɜ/	/ɜ/	/ɔ/ or /ɜ/	/ɜ/

Exemplos com palavras monossilábicas

bar/bar/	berth/bɜrθ/	birth/bɜrθ/	fork /fɔrk/ work /ʊɜrk/	curve/kɜrv/
car/kar/	clerk/klɜrk/	first/fɜrst/	north /nɔrθ/ word /ʊɜrd/	fur/fɜr/
far/far/	herb/hɜrb/	third/θɜrd/	york /ɪɔrk/ - world /ʊɜrld/	surf/sɜrf/
card/kard/	fern/fɜrn/	firm/fɜrm/	cord/kɔrd/ - worth /ʊɜrθ/	curl/kɜrl/
park/park/	term/tɜrm/	shirt/ʃɛrt/	worn/ʊɔrn/ - worse/ʊɜrs/	turn/tɜrn/

Ao examinar a pronúncia de cada uma das palavras nas colunas acima, correspondentes aos cinco grafemas vocálicos (letras), pode-se constatar que todas elas ocorrem no mesmo contexto silábico: CVR (CONSOANTE+VOGAL+R) e os fonemas vocálicos em cada coluna representam um tipo de correspondência grafêmico-fonológica entre letra (grafema) e som (fonema). Assim, qualquer palavra da língua inglesa que tenha esta mesma estrutura silábica seguirá esta regra de pronúncia.

Todavia, o aprendiz de inglês, falante do PB, além de reconhecer essa correspondência entre letra e som de uma palavra, vai precisar de muita prática para adquirir uma boa pronúncia e reproduzir os sons adequadamente. Por isso, vamos examinar novamente as palavras no quadro acima para vermos como os sons, tanto vocálicos como consonantais, são produzidos.

Na primeira coluna, em que temos a correspondência do fonema /ɑ/ com o grafema "a", estudemos a construção sonora da palavra *bar*: a estrutura silábica é CVR; nessa estrutura, o grafema "a" é representado foneticamente pelo som /ɑ/, que se pronuncia como [a] do PB, porém com a parte central da língua abaixada e a boca bem aberta. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /b/, que é descrito em inglês como bilabial stop (bilabial oclusivo) e seguida pelo grafema vocálico "r", que se converte no fonema /r/, ou seja, alveolar retroflexo. Por ser um som alveolar retroflexo, a língua é colocada nos alvéolos e uma pequena curva é feita com a ponta da língua para trás.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos e fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/):

[bar, bar, bar ...]

Na palavra *car*, segunda palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɑ/ e para a consoante final /r/; a única alteração é a consoante inicial /k/, que é velar e, portanto, produzida com a língua colocada na região velar (céu dorsal da boca).

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos e fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/):

[kar, kar, kar ...]

Na palavra *far*, terceira palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɑ/ e para a consoante final /r/; a única alteração é a consoante inicial /f/, que é labiodental e, portanto, produzida com a língua colocada entre o lábio inferior e os dentes superiores.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos e fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/):

[far, far, far ...]

Na palavra *card*, quarta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɑ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /d/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos; e por ser stop, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/ e recolocar a língua nos alvéolos e deixá-la parada lá, para a articulação da consoante final /d/):

[kard, kard, kard ...]

Na palavra *park*, quinta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɑ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /k/, que é *velar stop*. Por ser velar, a língua deve ser colocada na região velar (céu dorsal da boca); e por ser stop, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar, fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/ e

recolocar a língua na região velar e deixá-la parada lá, para a articulação da consoante final /k/):

[park, park, park ...]

Na segunda coluna, em que temos a correspondência do fonema /ɜ/ com o grafema "e", estudemos a construção sonora da palavra berth: a estrutura silábica é CVR; nessa estrutura, o grafema "e" é representado foneticamente pelo fonema /ɜ/, que por vir sempre seguido de "r", pronuncia-se como [ôôr] do PB, porém com a ponta da língua curvada para trás. Essa vogal é antecedida pelo grafema "b", que é representado pelo fonema /b/ descrito em inglês como *bilabial stop* (bilabial oclusivo); as consoantes finais "th" são convertidas no fonema /θ/, descrito em inglês como *interdental fricative*; por ser *interdental*, a língua é colocada entre os dentes inferiores e superiores; e por ser *fricative*, a saída do ar produz uma fricção, como um sopro.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua entre os dentes, na consoante final /θ/):

[bɜrθ, bɜrθ, bɜrθ ...]

Na palavra *clerk*, segunda palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /k/, que é *velar stop*. Por ser velar, a língua deve ser colocada na região velar (céu dorsal da boca); e por ser *stop*, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar, fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/ e recolocar a língua na região velar e deixá-la parada lá, para a articulação da consoante final /k/):

[klɜrk, klɜrk, klɜrk ...]

Na palavra *herb*, terceira palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da primeira consoante /h/, que é *glottal fricative* (fricativa glotal, em português). Por ser glotal, a língua é posicionada próximo da glote; e por ser fricativa, produz uma fricção sonora ao arrastar a língua na região glotal; também atenção especial deve ser dada à última consoante /b/, que é *bilabial stop*. Por ser bilabial, a língua deve ser fechada na sua articulação; e por ser *stop*, a língua deve permanecer fechada.

Repetindo: (não se esquecendo de fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante /r/ e fechar os lábios na consoante final /b/):

[hɜrb, hɜrb, hɜrb ...]

Na palavra *fern*, quarta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /n/, que é *alveolar nasal*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos; e por ser nasal, a saída do ar deve ser liberada pelo nariz.

Repetindo: (não se esquecendo de fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante /r/ e colocar a língua nos alvéolos na consoante final /n/):

[fɜrn, fɜrn, fɜrn]

Na palavra *term*, quinta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante

/m/, que é *bilabial nasal*. Por ser bilabial, os lábios devem ser fechados na sua articulação; e por ser nasal, a saída do ar deve ser liberada pelo nariz.

Repetindo: (não se esquecendo de fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante /r/ e fechar os lábios na consoante final /m/):

[tɜrm, tɜrm, tɜrm ...]

Na terceira coluna, em que temos a correspondência do fonema /ɜ/ com o grafema "i", estudemos a construção sonora da palavra *birth*: a estrutura silábica é CVR; nessa estrutura, o grafema "i" é representado foneticamente pelo fonema /ɜ/, que por vir sempre seguido de "r", pronuncia-se como [ôôr] do PB, porém com a ponta da língua curvada para trás. Essa vogal é antecedida pelo grafema "b", que é representado pelo fonema /b/ descrito em inglês como *bilabial stop* (bilabial oclusivo); as consoantes finais "th" são convertidas no fonema /θ/, descrito em inglês como *interdental fricative*; por ser *interdental*, a língua é colocada entre os dentes inferiores e superiores; e por ser *fricative*, a saída do ar produz uma fricção, como um sopro.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua entre os dentes, nas consoantes finais /th/):

[bɜrθ, bɜrθ, bɜrθ ...]

Na palavra *first*, segunda palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca); e por ser *stop*, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/ e recolocar a língua nos alvéolos e deixá-la parada lá, para a articulação da consoante final /t/):

[fɜrst, fɜrst, fɜrst ...]

Na palavra *third*, terceira palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia das primeiras consoantes "th"; esse dígrafo é convertido em inglês com o fonema /θ/, descrito como interdental [língua entre os dentes] e atenção também se requer para a última consoante /d/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos (céu frontal da boca); e por ser *stop*, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante /r/ e recolocar a língua nos alvéolos e deixá-la parada lá, para a articulação da consoante final /d/):

[θɜrd, θɜrd, θɜrd ...]

Na palavra *firm*, quarta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /m/, que é *bilabial nasal*. Por ser bilabial, os lábios se fecham na sua articulação; e por ser nasal, a saída do ar é liberada pelo nariz.

Repetindo: (não se esquecendo de fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante /r/ e fechar os lábios na consoante final /m/, liberando a saída do ar pelo nariz).

[ʃɜrm, ʃɜrm, ʃɜrm ...]

Na palavra *shirt*, quinta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /t/, que é *alveolar stop*. Por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos; e por ser *stop*, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante /r/ e colocar a língua nos alvéolos na consoante final /t/, deixando-a parada lá).

[ʃɜrt, ʃɜrt, ʃɜrt ...]

Na quarta coluna, em que temos a correspondência dos fonemas /ɔ/ e /ɜ/ para o grafema "o", estudemos a construção sonora das palavras fork e work: a estrutura silábica é CVR; nessa estrutura, o grafema "o" é representado foneticamente pelos fonemas /ɔ/ ou /ɜ/, que por virem sempre seguidos de "r", pronuncia-se respectivamente como [ór] (aberto) ou [ôr] (fechado) do PB, porém com a ponta da língua curvada para trás. A escolha entre o fonema aberto ou fechado não é aleatória, mas ainda não se tem regras consistentes e bem definidas para o processo que condiciona a escolha de cada variante fonológica. Assim, vamos adotar, neste trabalho, a prática de memorização da pronúncia da estrutura silábica constituída de COR (consoante+o+r) e deixar para mais tarde a discussão em torno do processo de escolha entre as duas variantes fonológicas.

Voltemos, então, à construção sonora das palavras *fork* e work. Na palavra fork, a vogal "o", precedida da consoante "f", descrita em inglês como labiodental fricative, é convertida no fonema /ɔ/; a consoante final /k/ é velar stop; por ser velar, a língua deve ser colocada na região velar (céu dorsal da boca); e por ser stop, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar, na consoante final /k/, deixando-a parada lá.

[fɔrk, fɔrk, fɔrk ...]

Na palavra *work*, a vogal "o", precedida da consoante "w", descrita em inglês como *bilabial approximant*, é convertida no fonema /ɜ/; a consoante final /k/ é *velar stop*; por ser velar, a língua deve ser colocada na região velar (céu dorsal da boca); e por ser *stop*, a língua deve ficar parada lá.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar, na consoante final /k/, deixando-a parada lá.

[ʊɜrk, ʊɜrk, ʊɜrk ...]

Nas palavras *north* e *word*, na quarta coluna, a vogal /ɔ/, em *north* e /ɜ/, em *word*, ocorrem respectivamente precedidas de /n/, alveolar nasal, e /w/, bilabial approximant, tendo como consoantes finais respectivamente /θ/ e /d/, cuja articulação é feita com a ponta da língua entre os dentes para a pronúncia de /θ/; e com a língua colocada nos alvéolos para a pronúncia de [d].

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua entre os dentes, na consoante final /θ/, deixando-a parada lá).

[nɔrθ, nɔrθ, nɔrθ ...]

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /d/, deixando-a parada lá).

[wɛrd, wɛrd, wɛrd ...]

Nas palavras *york* e *world,* na quarta coluna, a vogal /ɔ/, em *york* e /ɜ/, em *world*, ocorrem respectivamente precedidas de /y/, *palatal approximant*, e /w/, *bilabial approximant*, tendo como consoantes finais respectivamente /k/ e /d/, cuja articulação é feita com a colocada na região velar, para a pronúncia de [k]; e com a língua colocada nos alvéolos para a pronúncia de [d].

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar, na consoante final /k/, deixando-a parada lá).

[ɪɔrk, ɪɔrk, ɪɔrk ...]

Repetindo: (não se esquecendo de fazer três movimentos com a língua para a pronúncia das três consoantes finais da palavra *world*: primeiro, posicionar a língua nos alvéolos com um leve recuo de sua extremidade, para /r/, recolocar a língua na superfície dos alvéolos, para /l/, e manter a língua colada naquela posição, para /d/).

[ʊerld, ʊerld, ʊerld ...]

Nas palavras *cord* e *worth*, na quarta coluna, a vogal /ɔ/, em *cord* e /ɜ/, em *worth*, ocorrem respectivamente precedidas de /k/, *velar stop*, e /w/, *bilabial approximant*, tendo como consoantes finais respectivamente /d/ e /θ/, cuja articulação é feita com a língua colocada nos alvéolos, para a pronúncia de [d]; e com a língua colocada entre os dentes, para a pronúncia de /θ/).

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /d/, deixando-a parada lá.

[kɔrd, kɔrd, kɔrd ...]

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua entre os dentes, na consoante final /θ/).

[ʊɜrθ, ʊɜrθ, ʊɜrθ ...]

Nas palavras worn e worse, na quarta coluna, a vogal /ɔ/, em *worn* e /ɜ/, em *worse*, ocorrem ambas precedidas de /w/, bilabial approximant, tendo como consoantes finais respectivamente /n/ e /s/, cuja articulação é feita com a língua colocada nos alvéolos e saída do ar pelo nariz, para a pronúncia de [n]; e também com a língua colocada nos alvéolos, mas saída do ar pela boca, para a pronúncia de [s].

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /d/, deixando-a parada lá.

[ʊɔrn, ʊɔrn, ʊɔrn ...]

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, na consoante final /s/).

[ʊɜrs, ʊɜrs, ʊɜrs ...]

Na quinta coluna, em que temos a correspondência do fonema /ɜ/ com o grafema "u", estudemos a construção sonora da palavra *curve*: a estrutura silábica é CVR; nessa estrutura, o grafema "u" é representado foneticamente pelo fonema /ɜ/, que por vir sempre seguido de "r", pronuncia-se como [ôr] do PB, porém com a ponta da língua curvada para trás. Essa vogal é antecedida pelo grafema "c", que é representado pelo

fonema /k/, descrito em inglês como *velar stop* (velar oclusivo); o último som dessa palavra é /v/, uma vez que o grafema “e”, final, não se converte em fonema e, portanto, é mudo (não pronunciado). Assim, o som final /v/, por ser labiodental, é pronunciado com a língua tocando no lábio inferior e nos dentes superiores.

Repetindo: (não se esquecendo de notar que a língua toca no lábio inferior e nos dentes superiores, na consoante final /v/).

[kɜrv, kɜrv, kɜrv ...]

Na palavra *fur*, segunda palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /r/ que, por ser alveolar, a língua deve ser colocada nos alvéolos; e, por ser *retroflex*, a ponta da língua faz uma pequena curva para trás.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos e fazer uma pequena curva na ponta da língua para trás).

[fɜr, fɜr, fɜr ...]

Na palavra *surf*, terceira palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /f/ que, por ser labiodental, a língua deve tocar no lábio inferior e nos dentes superiores.

Repetindo: (não se esquecendo de notar que a língua toca no lábio inferior e nos dentes superiores, para a pronúncia do /f/, final).

[sɜrf, sɜrf, sɜrf ...]

Na palavra *curl*, quarta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para os dois movimentos da língua na pronúncia das duas últimas consoantes /r/ e /l/: para a alveolar retroflexa /r/, a língua é posicionada nos alvéolos com um leve recuo em sua extremidade; para a alveolar lateral /l/, a língua é recolocada nos alvéolos, permitindo a liberação do ar pelas suas laterais.

Repetindo: (não esquecendo de colocar a língua nos alvéolos com um leve recuo de sua extremidade e recolocá-la nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelas suas laterais).

[kɜrl, kɜrl, kɜrl ...]

Na palavra *turn*, quinta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para a vogal /ɜ/, mas é preciso atenção para a pronúncia da última consoante /n/ que, por ser alveolar nasal, a língua deve ser colocada nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelo nariz.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelo nariz).

[tɜrn, tɜrn, tɜrn ...]

4. Regra 4: CVRE# (Consonant+Vowel+RE#)

Esta regra é apresentada na seguinte fórmula: [C_RE#] é uma sílaba tônica, onde (C) representa a consoante inicial, (_) representa o lugar da vogal, e (RE#) representa a letra “r”, seguida do grafema vocálico “e”, em final de palavra. Esta regra é aplicável a todas as cinco vogais (a, e, i, o, u), quando ocorrem em sílaba tônica e nesse mesmo contexto silábico. Estas cinco vogais são pronunciadas conforme representação dos fonemas abaixo de cada grafema.

Quadro 23: Regra 4 - CVRE# (CONSONANT+VOWEL+RE#)

“a”	“e”	“i”	“o”	“u”
/ɛə/	/ɪə/	/aɪə/	/ɔ/	/ɪʊə/

Exemplos com palavras monossilábicas

bare/beər/	mere/mɪər/	hire/haɪər/	bore/bɔr/	endure/ɪnˈdɪʊər/
care/keər/	here/hɪər/	tire/taɪər/	core/kɔr/	cure/kɪʊər/
fare/fɛər/	we're (*) /ʊɪər/	fire/faɪər/	more/mɔr/	pure/pɪʊər/
share/ʃeər/	fear (*) /fɪər/	wire /ʊaɪər/	sore/sɔr/	lure/lɪʊər/
ware/ʊeər/	gear (*) /dʒɪər/	mile/maɪəl/	wore/ʊɔr/	you´re(*)/ɪʊər/

Ao examinar a pronúncia de cada uma das palavras nas colunas acima, correspondentes aos cinco grafemas vocálicos (letras), pode-se constatar que todas elas ocorrem no mesmo contexto silábico: CVRE# (CONSOANTE+VOGAL+RE#) e os fonemas vocálicos em cada coluna referem-se a um tipo de correspondência grafêmico-fonológica entre letra (grafema) e som (fonema). Assim, qualquer palavra da língua inglesa que tenha esta mesma estrutura silábica seguirá esta regra de pronúncia.

Todavia, o aprendiz de inglês, falante do PB, além de reconhecer essa correspondência entre letra e som de uma palavra, vai precisar de muita prática para adquirir uma boa pronúncia e reproduzir os sons adequadamente. Por isso, vamos examinar novamente as palavras no quadro acima para vermos como os sons, tanto vocálicos como consonantais, são produzidos.

Na primeira coluna, em que temos a correspondência do ditongo /ɛə/ com o grafema “a”, estudemos a construção sonora da palavra *bare*: a

estrutura silábica é CVRE#; nessa estrutura, o grafema “a” é representado foneticamente pelo som /ɛə/, que se pronuncia como [éa] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /b/, que é descrito em inglês como bilabial *stop* (bilabial oclusivo) e seguida pelo dígrafo “re”, em que o grafema “r” se converte no fonema /r/ (retroflexo) e o grafema “e”, por ocorrer em final de palavra, é considerado fonema *zero*, portanto, não é pronunciado.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua nos alvéolos e fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/).

[bɛər, bɛər, bɛər ...]

Na palavra *care*, segunda palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para ditongo /ɛə/, mudando apenas a consoante inicial /k/, que por ser velar é pronunciada com a língua colocada na região velar (céu dorsal da boca).

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua na região velar, para a consoante inicial /k/ e fazer uma pequena curva com a ponta da língua para trás, na consoante final /r/).

[kɛər, kɛər, kɛər ...]

Na palavra *fare*, terceira palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para o ditongo /ɛə/, mudando apenas a consoante inicial /f/ que, por ser labiodental, deve ser pronunciada com a língua tocando no lábio inferior e nos dentes superiores.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua tocando no lábio inferior e nos dentes superiores, para a consoante inicial /f/).

[fɛər, fɛər, fɛər ...]

Na palavra *share*, quarta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para o ditongo /ɛə/, mudando apenas a consoante inicial /ʃ/ que, por ser alveopalatal, deve ser pronunciada com a língua tocando nos alvéolos, escorregando para o palato.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua tocando nos alvéolos, escorregando para o palato, para a consoante inicial /ʃ/).

[ʃeər, ʃeər, ʃeər ...]

Na palavra *ware*, quinta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma para o ditongo /ɛə/, mudando apenas a consoante inicial /w/ que, por ser bilabial aproximante, deve ser pronunciada com os lábios fechados e arredondados.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar e arredondar os lábios, para a consoante inicial /w/).

[ʊeər, ʊeər, ʊeər ...]

Na segunda coluna, em que temos a correspondência do ditongo /ɪə/ com o grafema "e", estudemos a construção sonora da palavra *mere*: a estrutura silábica é CVRE#; nessa estrutura, o grafema "e" é representado foneticamente pelo som /ɪə/, que se pronuncia como [êa] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /m/, que é descrito em inglês como *bilabial nasal* e seguida pelo dígrafo "re", em que o grafema "r" se converte no fonema /r/ (retroflexo) e o grafema "e", por ocorrer em final de palavra, é considerado fonema *zero*, portanto, não é pronunciado.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar os lábios, na consoante inicial /m/ e fazer uma pequena curva na ponta da língua na consoante final /r/,

visto que o “e” final é mudo.

[mɪər, mɪər, mɪər ...]

Na palavra *here*, segunda palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para o ditongo /ɪə/, mudando apenas a consoante inicial /h/ que, por ser glotal, deve ser pronunciada com a parte dorsal da língua na região da glote.

Repetindo: (não se esquecendo de posicionar a parte dorsal da língua perto da glote, para a consoante inicial /h/.

[hɪər, hɪər, hɪər ...]

Na palavra *we’ re*, terceira palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para o ditongo /ɪə/, mudando apenas a consoante inicial /w/ que, por ser bilabial, deve ser pronunciada com os lábios fechados e arredondados.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar e arredondar os lábios, para a consoante inicial /w/.

[ʊɪər, ʊɪər, ʊɪər...]

Na palavra *fear*, quarta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para o ditongo /ɪə/, mudando apenas a consoante inicial /f/ que, por ser labiodental, deve ser pronunciada com a língua tocando no lábio inferior e nos dentes superiores.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua tocando no lábio inferior e nos dentes superiores, para a consoante inicial /f/.

[fiər, fiər, fiər ...]

Na palavra *gear*, quinta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para o ditongo /ɪə/, mudando apenas a consoante inicial /dʒ/ que, por ser alveopalatal, deve ser pronunciada com a língua posicionada nos alvéolos, escorregando para o palato.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua posicionada os alvéolos, escorregando para o palato, para a consoante inicial /dʒ/).

[dʒem, dʒem, dʒem ...]

Na terceira coluna, em que temos a correspondência do tritongo /aɪə/ com o grafema "i", estudemos a construção sonora da palavra hire: a estrutura silábica é CVRE#; nessa estrutura, o grafema "i" é representado foneticamente pelo som /aɪə/, que se pronuncia como [áia] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /h/, que é descrito em inglês como *fricativa glotal* e seguida pelo dígrafo "re", em que o grafema "r" se converte no fonema /r/ (retroflexo) e o grafema "e", por ocorrer em final de palavra, é considerado fonema *zero*, portanto, não é pronunciado.

Repetindo: (não se esquecendo de posicionar a língua na região glotal, na consoante inicial /h/ e produzir um tritongo composto pela vogal "i" e pelo dígrafo "re").

[haɪər, haɪər, haɪər ...]

Na palavra *tire*, segunda palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para o tritongo /aɪə/, mudando apenas a consoante inicial /t/ que, por ser alveolar, deve ser pronunciada com a língua posicionada nos alvéolos.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua posicionada os alvéolos, para a consoante inicial /t/).

[taɪər, taɪər, taɪər ...]

Na palavra *fire*, terceira palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para o tritongo /aɪə/, mudando apenas a consoante inicial /f/ que, por ser labiodental, deve ser pronunciada com a língua tocando no lábio inferior e nos dentes superiores.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua tocando no lábio inferior e nos dentes superiores, para a consoante inicial /f/).

[faɪər, faɪər, faɪər ...]

Na palavra *wire*, quarta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para o tritongo /aɪə/, mudando apenas a consoante inicial /w/ que, por ser bilabial, deve ser pronunciada com os lábios fechados e arredondados.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar e arredondar os lábios, para a consoante inicial /w/).

[ʊaɪər, ʊaɪər, ʊaɪər ...]

Na palavra *mile*, quinta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para o tritongo /aɪə/, mas há duas mudanças em relação às outras palavras nesta coluna: a consoante inicial /m/ que, por ser bilabial, deve ser pronunciada com os lábios fechados e a consoante final /l/ que, por ser alveolar lateral, deve ser pronunciada com a língua posicionada nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelas laterais da língua.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar os lábios, para a consoante inicial /m/ e posicionar a língua nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelas laterais da língua, para a consoante final /l/, não esquecendo que o grafema vocálico final “e” não é pronunciado.

[maɪəl, maɪəl, maɪəl ...]

Na quarta coluna, em que temos a correspondência do fonema /ɔ/ com o grafema "o", estudemos a construção sonora da palavra *bore*: a estrutura silábica é CVRE#; nessa estrutura, o grafema "o" é representado foneticamente pelo som /e/, que se pronuncia como [ó] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /b/, que é descrito em inglês como *bilabial stop* e seguida pelo dígrafo "re", em que o grafema "r" se converte no fonema /r/ (retroflexo) e o grafema "e", por ocorrer em final de palavra, é considerado fonema *zero*, portanto, não é pronunciado.

Repetindo):

[bɔr, bɔr, bɔr ...]

Na palavra *core*, segunda palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para o fonema /ɔ/, mudando apenas a consoante inicial /k/ que, por ser velar, deve ser pronunciada com a língua posicionada na região velar (perto da garganta).

Repetindo: (não se esquecendo de posicionar a língua perto da garganta, para a consoante inicial /k/).

[kɔr, kɔr, kɔr ...]

Na palavra *more*, terceira palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para o fonema /ɔ/, mudando apenas a consoante inicial /m/ que, por ser bilabial, deve ser pronunciada com os lábios fechados.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar os lábios, para a consoante inicial /m/).

[mɔr, mɔr, mɔr ...]

Na palavra *sore*, quarta palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para o fonema /ɔ/, mudando apenas a consoante inicial /s/ que, por ser alveolar, deve ser pronunciada com a língua posicionada nos alvéolos.

Repetindo: (não se esquecendo de posicionar a língua nos alvéolos, para a consoante inicial /s/).

[sɔr, sɔr, sɔr ...]

Na palavra *wore*, quinta palavra da quarta coluna, a regra é a mesma para o fonema /ɔ/, mudando apenas a consoante inicial /w/ que, por ser bilabial, deve ser pronunciada com os lábios fechados e arredondados.

Repetindo: (não se esquecendo de fechar e arredondar os lábios, para a consoante inicial /w/).

[ʊɔr, ʊɔr, ʊɔr...]

Na quinta coluna, em que temos a correspondência do tritongo /ɪʊə/ com o grafema "u", estudemos a construção sonora da palavra *endure*: a estrutura silábica tônica é CVRE#; nessa estrutura, o grafema "u" é representado foneticamente pelo tritongo /ɪʊə/, que se pronuncia como [iôa] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /d/, que é descrito em inglês como *alveolar stop* e seguida pelo dígrafo "re", em que o grafema "r" se converte no fonema /r/ (retroflexo) e o grafema "e", por ocorrer em final de palavra, é considerado fonema *zero*, portanto, não é pronunciado.

Repetindo!

[mˈdɪʊər, mˈdɪʊər, mˈdɪʊər ...]

Na palavra *cure*, secunda palavra da quinta coluna, o grafema “u” é representado foneticamente pelo tritongo /ɪʊə/, que se pronuncia como [iôa], do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /k/ que é descrita em inglês como velar stop, pronunciada com a língua posicionada na região velar (perto da garganta), para a consoante inicial /k/.

Repetindo!

[kɪʊər, kɪʊər, kɪʊər ...]

Na palavra *pure*, terceira palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para o tritongo /ɪʊə/, mudando apenas a consoante inicial /p/ que, por ser bilabial, deve ser pronunciada com os lábios fechados, para a consoante inicial /p/.

Repetindo!

[pɪʊər, pɪʊər, pɪʊər ...]

Na palavra *lure*, quarta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para o tritongo /ɪʊə/, mudando apenas a consoante inicial /l/ que, por ser alveolar, deve ser pronunciada com os lábios posicionado nos alvéolos, para a consoante inicial /l/.

Repetindo! Cuidado para não palatalizar: o som da consoante inicial é [li], não [lhi].

[lɪʊər, lɪʊər, lɪʊər ...]

Na palavra *you're,* quinta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para o tritongo /ɪʊə/, mudando apenas o acréscimo do som final /r/, que por ser *alveolar retroflex*, a língua é posicionada nos alvéolos com um leve recuo na sua extremidade.

Repetindo!

[ɪʊər, ɪʊər, ɪʊər ...]

5. Regra 5: C(C)VY (Consoante, Uma ou duas, + Vogal + Y)

Esta regra é apresentada na seguinte fórmula: [C(C)_+Y] é uma sílaba tônica, em que (C(C) representa uma ou duas consoantes iniciais, (_) representa o lugar da vogal, e (+Y) representa a letra "y", como grafema final da palavra.

É importante ressaltar o que os dados abaixo indicam: a ocorrência do grafema "y", em final de palavras, é comum depois de "a", raro depois de "e", nunca ocorre depois de "i", menos comum depois de "o", e também raro depois de "u".

Estas cinco vogais são pronunciadas conforme representação dos fonemas abaixo de cada grafema.

Quadro 24: Regra 5 - C(C)VY (CONSOANTE, UMA OU DUAS, + VOGAL + Y)

"a+y"	"e+y"	"i"	"o+y"	"u+y"
/eɪ/	/i/	-	/ɔɪ/	/aɪ/

Exemplos com palavras monossilábicas

bay/beɪ/	key/ki/	-	boy/bɔɪ/	buy/baɪ/
may/meɪ/	-	-	joy/dʒɔɪ/	guy/gaɪ/
say/seɪ/	-	-	soy/sɔɪ/	-
stay/steɪ/	-	-	toy/tɔɪ/	-
way /ʊeɪ/	-	-	-	-

Ao examinar a pronúncia de cada uma das palavras nas colunas acima, correspondentes aos cinco grafemas vocálicos (letras), pode-se constatar que todas elas ocorrem no mesmo contexto silábico: C(C)__Y (CONSOANTE+VOGAL+Y) e os fonemas (ditongos) em cada coluna representam um tipo de correspondência grafêmico-fonológica entre letra (grafema) e som (fonema). Assim, qualquer palavra da língua inglesa que tenha esta mesma estrutura silábica seguirá esta regra de pronúncia.

O traço (-) marcado nas colunas representa a ausência de dados, ou seja, falta de palavras que exemplifiquem a ocorrência do item lexical na língua inglesa.

Na primeira coluna, em que temos a correspondência do ditongo /eɪ/ com os grafemas "a+y", estudemos a construção sonora da palavra *bay*: a estrutura silábica é C(C)__Y; nessa estrutura, o grafema "a" é representado foneticamente pelo som /e/, que pronuncia-se como [ê] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /b/, que é descrito em inglês como *bilabial stop* (bilabialoclusivo) e seguida do grafema consonantal "y", que forma com a vogal "e" o ditongo /eɪ/.

Repetindo: (não se esquecendo de colocar a língua no palato, na consoante final /y/).

[beɪ, beɪ, beɪ ...]

Na palavra *may*, segunda palavra da primeira coluna, a regra é a mesma, porém com atenção para a pronúncia da consoante inicial que é bilabial

nasal /m/.

[meɪ, meɪ, meɪ ...]

Na palavra *say*, terceira palavra da primeira coluna, a regra é a mesma, porém com atenção para a pronúncia da consoante inicial que é alveolar fricativa /s/.

[seɪ, seɪ, seɪ ...]

Na palavra stay, quarta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma, porém com atenção para a pronúncia da consoante inicial que é alveolar fricativa /s/.

[steɪ, steɪ, steɪ ...]

Na palavra way, quinta palavra da primeira coluna, a regra é a mesma, porém com atenção para a pronúncia da consoante inicial que é bilabial aproximante /w/.

[ʊeɪ, ʊeɪ, ʊeɪ ...]

Na segunda coluna, em que temos a correspondência do fonema /i/ com os grafemas "e+y", estudemos a construção sonora da palavra *key*: a estrutura silábica é C(C)__Y; nessa estrutura, o dígrafo "ey" é representado foneticamente pelo som /i/, que pronuncia-se como [i] do PB. Ressalte-se que a palavra key foi o único dado lexical encontrado em nossa pesquisa para representar essa estrutura silábica.

Repetindo:

[ki, ki, ki ...]

Na terceira coluna, não há registro de nenhum dado porque, no inglês, não há ocorrência de estrutura silábica com o grafema “y” depois da vogal “i”, em final de palavra.

Na quarta coluna, em que temos a correspondência do ditongo /ɔɪ/ com os grafemas “o+y”, estudemos a construção sonora da palavra boy: a estrutura silábica é C(C)__Y; nessa estrutura, o grafema “o” é representado foneticamente pelo som /ɔ/, que pronuncia-se como [ó] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /b/, que é descrito em inglês como bilabial stop (bilabial oclusivo)

e seguida do grafema “y”, que forma com a vogal “o” o ditongo /ɔɪ/.

Repetindo!

[bɔɪ, bɔɪ, bɔɪ ...]

A regra para as demais palavras da quarta coluna é a mesma. Vejamos a pronúncia da palavra *joy*.

Repetindo!!!

[dʒɔɪ, dʒɔɪ, dʒɔɪ ...]

A regra para as demais palavras da quarta coluna é a mesma. Vejamos a pronúncia da palavra *soy*.

Repetindo!

[sɔɪ, sɔɪ, sɔɪ ...]

A regra para as demais palavras da quarta coluna é a mesma. Vejamos a pronúncia da palavra *toy*.

Repetindo!!!

[tɔɪ, tɔɪ, tɔɪ ...]

Na quinta coluna, em que temos a correspondência do ditongo /aɪ/ com os grafemas "u+y", estudemos a construção sonora da palavra *buy*: a estrutura silábica é C(C)__Y; nessa estrutura, o grafema "u" é representado foneticamente pelo som /a/, que pronuncia-se como [a] do PB. Essa vogal é antecedida pelo som consonantal /b/, que é descrito em inglês como bilabial stop (bilabialoclusivo) e seguida pelo grafema "y", que forma com o grafema "a" o ditongo /aɪ/.

Repetindo!

[baɪ, baɪ, baɪ ...]

A regra para a palavra *guy*, na quinta coluna é a mesma. Vejamos a sua pronúncia.

Repetindo!

[gaɪ, gaɪ, gaɪ ...]

6. Regra 6: [Vogal Átona = /ə/, /ɪ/, /ʊ/]

As regras de pronúncia até aqui apresentadas são aplicáveis às vogais que ocorrem em sílaba forte (tônica). Como a maioria dos exemplos até aqui apresentados são de palavras monossilábicas (de uma só sílaba), logicamente, todas as vogais nessas palavras são fortes (tônicas). Todavia, a partir de agora, vamos lidar com palavras plurissilábicas (de duas ou mais sílabas) para que possamos contemplar as vogais que ocorrem em sílabas

fracas (átonas), cujas regras de pronúncia são diferentes das de sílabas fortes (tônicas).

Assim, as vogais fracas ou átonas ocorrem em contextos diferentes das vogais fortes ou tônicas e, portanto, têm conversão fonética também diferente.

As regras para as vogais fracas (átonas) são aplicáveis a todas as vogais do inglês (a, e, i, o, u), que podem ocorrer no começo, no meio, ou no fim da palavra, precedendo ou sucedendo as vogais fortes.

Vejamos, no quadro abaixo, que cada grafema vocálico (letra), quando ocorre em sílaba átona, é convertido no fonema (som) abaixo de cada grafema. Também, podemos ver que, com exceção do grafema "a", os outros quatro grafemas (e, i, o, u) tem duas opções de pronúncia, sendo a condição de escolha do fonema /ə/, conhecido em inglês como "schwa" (chuá), o estado de relaxamento do falante.

Quadro 25: Regra 6 - [Vogal Átona = /ə/, /ɪ/, /ʊ/]

"a"	"e"	"i"	"o"	"u"
/ə/	/ɪ/ or /ə/	/ɪ/ or /ə/	/ʊ/ or /ə/	/ʊ/ or /ə/

Exemplos com palavras plurissilábicas

about/ ə'baʊt/	become /bɪ'kʌm/ or/bə'kʌm/	linguistic /lɪŋ'gʊɪstɪk/ or /ləŋ'gʊɪstɪk/	potato/pʊ'teɪroʊ/ or /pə'teɪroʊ/	beautiful/'biʊrɪfʊl/ or/'biʊrəfəl/
batman/ 'bætmən/	behind /bɪ'haɪnd/ or/bə'haɪnd/	intelligent /ɪn'tɛlɪdʒənt/ or /ən'tɛlədʒənt/	tomato /tʊ'meɪroʊ/ or /tə'meɪroʊ/	careful/'kɛərfʊl/ or /'kɛərfəl/
Brazil / brə'zɪl/	believe/bɪ'liv/ or /bə'liv/	disagree /dɪsə'gri/ or /dəsə'gri/	today /tʊ'deɪ/ or /tə'deɪ/	useful/'ɪusfʊl/ or /'ɪusfəl/
Canada /' kænədə/	terrific/tɪ'rɪfɪk/ or /tə'rɪfɪk/	Improvement /ɪm'pruvmənt/ or /əm'pruvmənt/	tomorrow/ tʊ'mɒraʊ/ or /tə'mɒraʊ/	meaningful/'miniŋfʊl/ or/'miniŋfəl/
America /ə'mɛrɪkə/	carpet /'kɑrpɪt/ or /'kɑrpət/	direction/dɪ'rɛkʃən/ or /də'rɛkʃən/	together/ tʊ'gɛðər/ or /tə'gɛðər/	successful/'sʌksəsfʊl/ or/'sʌksəsfəl/

Ao examinar a pronúncia de cada uma das palavras nas colunas acima, correspondentes aos cinco grafemas vocálicos (letras), pode-se constatar que todas elas ocorrem em dois contextos silábicos distintos: de vogal tônica e de vogal átona. Vogal tônica, também chamada de vogal forte, é a vogal em que recai a tonicidade mais intensa da palavra. Vogal átona, também chamada de vogal fraca, é a vogal na qual recai a tonicidade menos intensa da palavra.

Nas regras de 1 a 5, acima, a maioria das palavras apresentadas como exemplos são palavras monossilábicas (de uma única sílaba); portanto, tal sílaba é sempre tônica. Todavia, quando a palavra tem mais de uma sílaba, além da sílaba tônica, há pelos menos uma sílaba átona. Por isso, estamos tratando agora, na Regra 6, da pronúncia das vogais que ocorrem em sílabas átonas, ou seja, as vogais fracas da palavra que tem duas ou mais sílabas. Convém lembrar, porém, que, nas palavras de duas ou mais sílabas, a sílaba tônica deve seguir as mesmas regras de pronúncia apresentadas para as palavras monossilábicas.

Assim, vamos examinar novamente as palavras no quadro acima para vermos como os sons das vogais, tanto tônicas como átonas, são produzidos.

Na primeira coluna, em que temos a correspondência do fonema /ə/ com o grafema “a”, átono, estudemos a construção sonora da palavra *about*: tendo em vista a existência de dois sons vocálicos nessa palavra, um som representa a sílaba tônica, ou vogal forte, e o outro som representa a sílaba átona, ou vogal fraca. No caso da palavra about, a vogal “a” é a vogal fraca e, portanto, representa a sílaba átona. Nesse caso, a vogal fraca “a” é representada pelo fonema /ə/, conhecida no inglês como schwa (pronunciada no PB como “chuá”). O chuá é a vogal mais comum do inglês, pois, como se pode ver no quadro acima, ela pode representar o som de qualquer uma das cinco letras vogais em posição átona na sílaba.

Lembremos que, no quadro das vogais, o fonema /ə/ é classificado como vogal média, central, breve. É sempre átona; por isso, sua articulação produz um som muito tênue, quase imperceptível, como um “ah”, de baixo tom.

Estudemos, então, a pronúncia da palavra *about*, contemplando, primeiro, a articulação da vogal átona /ə/, na primeira sílaba, cujo som, como já mencionado, é bem tênue. Na segunda sílaba, o som vocálico é o ditongo /aʊ/, que constitui a vogal forte na sílaba tônica da palavra; esse ditongo é resultante da conversão do dígrafo “ou”. Para concluir o processo articulatório dessa palavra, é relevante relembrar que a consoante final /t/ é alveolar stop e, portanto, sua articulação requer o posicionamento da língua nos alvéolos, mantendo-a colada naquela posição, até a consolidação da articulação da palavra, para evitar africação e adição da vogal de apoio.

[əˈbaʊt, əˈbaʊt, əˈbaʊt ...]

É relevante observar na transcrição fonética acima a presença do sinal diacrítico [ˈ]que é anteposto à sílaba tônica para marcar a intensidade sonora da palavra. Quando a palavra contém duas ou mais sílabas, sua

transcrição fonética tem que conter o sinal diacrítico para marcar a sílaba tônica.

Na palavra *batman*, segunda palavra da primeira coluna, a letra "a", na segunda sílaba, é a vogal fraca, portanto, é representada pelo fonema /ə/. Para a boa pronúncia dessa palavra, convém lembrar dois aspectos importantes da primeira sílaba dessa palavra: primeiro, que o grafema "a" é a vogal forte (tônica) e, como tal, sua conversão é feita no fonema /æ/, seguindo a Regra 1 [CVC]; segundo, que o grafema "t", consoante final dessa primeira sílaba, converte-se no fonema /t/ que requer o posicionamento da língua nos alvéolos e sua permanência naquela posição até que se inicie a articulação da primeira consoante /m/ na segunda sílaba. Insiste-se em lembrar que, na produção do /t/, a ponta da língua eleva-se até os alvéolos (céu frontal da boca) e, ao descolar a língua dos alvéolos para a produção do /m/, deve-se evitar a adição de vogal de apoio.

A pronúncia do som /m/, na segunda sílaba, não apresenta problema para o aprendiz brasileiro porque, em início de palavra, /m/ é bilabial, como no PB. Na articulação da segunda sílaba, chama-se atenção para a pronúncia da vogal "a" que, por ser átona, converte-se no fonema /ə/ (chuá), ou seja, a língua é colocada na altura média central da boca em estado de relaxamento. A pronúncia da consoante final /n/ requer também muita atenção por tratar-se de uma alveolar nasal, que é muito diferente do PB; no inglês, o /n/ final requer a colocação da língua nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelo nariz. É muito importante reiterar que o momento certo de elevar a língua para os alvéolos para pronunciar o /n/, é somente depois de produzir a vogal anterior e não antes, para não nasalizar a vogal anterior, pois não existe vogal nasal em inglês.

[ˈbætmən, ˈbætmən, ˈbætmən ...]

Na palavra *Brazil*, terceira palavra da primeira coluna, a letra "a", na primeira sílaba, é a vogal fraca, portanto, é representada pelo fonema /ə/. A vogal forte é a letra "i", na segunda sílaba (tônica), que se converte no fonema /ɪ/, cuja pronúncia segue a Regra 1 [CVC]. Para a boa pronúncia dessa palavra, chama-se atenção também para a consoante final /l/, lembrando tratar-se de uma alveolar lateral, que requer a colocação da língua nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelas laterais da língua. Esse movimento da língua nos alvéolos evita a ditongação da vogal anterior, o que é comum para o aprendiz brasileiro, pois é o que acontece no PB.

[brəˈzɪl, brəˈzɪl, brəˈzɪl ...]

Na palavra *Canada*, quarta palavra da primeira coluna, a letra "a", na segunda e na terceira sílabas, é a vogal fraca, portanto, é representada pelo fonema /ə/. A vogal forte é "a", na primeira sílaba (tônica), que se converte no fonema /æ/, cuja pronúncia segue a Regra 1 [CVC]. É pertinente relembrar que, depois [e somente depois] de se consolidar a pronúncia do som /æ/, na primeira sílaba, é que se eleva a língua até os alvéolos para produzir o /n/, evitando-se assim a nasalização da referida vogal.

[ˈkænədə, ˈkænədə, ˈkænədə ...]

Na palavra America, quinta palavra da primeira coluna, a letra "a", na primeira e na quarta sílaba, é a vogal fraca, portanto, é representada pelo fonema /ə/. A vogal forte é o grafema "e", na segunda sílaba (tônica), que se converte no fonema /ɛ/, cuja pronúncia segue a Regra 1 [CVC]. É também relevante observar que o grafema "i", na terceira sílaba, é vogal fraca (átona) e, portanto, sua conversão é opcional no fonema /ɪ/ ou /ə/;

sendo a escolha da opção /ə/ motivada pelo estado de relaxamento do falante.

[əˈmɛrɪkə or əˈmɛrəkə]

Na segunda coluna, em que temos a correspondência dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ com o grafema "e", estudemos a construção sonora da vogal átona da palavra *become*: a vogal "e", na primeira sílaba, é a vogal fraca (átona); portanto, pode ser convertida no fonema /ɪ/ ou no fonema /ə/. A escolha da vogal átona é opcão do falante, porém, chama-se atenção para a pronúncia da consoante final /m/, que por ser bilabial, requer o fechamento dos lábios na sua articulação, para evitar a nasalização da vogal precedente. Insiste-se ainda que, para evitar a nasalização da vogal anterior, o fechamento dos lábios para produção do /m/ só deve ocorrer após a consolidação da vogal anterior. Convém também lembrar que a letra "e", no final da palavra é grafema, mas não é fonema, portanto, não é pronunciada.

[bɪˈkʌm] or [bəˈkʌm]

Na palavra *behind*, segunda palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ para representar a vogal "e", na primeira sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a pronúncia da penúltima e última consoantes, /n/ e /d/, em que há dois movimentos da língua: primeiro, para articulação do /n/ que, por ser alveolar nasal, requer que a língua seja colocada nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelo nariz; segundo, para articulação do /d/ que, por ser alveolar stop, requer que a língua seja mantida nos alvéolos e fique parada naquela posição, para evitar adição de vogal epentética. Chama-se também atenção para o fato de que a elevação da língua para os alvéolos na pronúncia do /n/

deve ocorrer somente após a consolidação da pronúncia do ditongo /aɪ/ para evitar sua nasalização.

[bɪˈhaɪnd] or [bəˈhaɪnd]

Na palavra *believe*, terceira palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ para representar a vogal "e", na primeira sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a pronúncia da vogal na segunda sílaba, o dígrafo "ie", que constitui a vogal forte (tônica) e se converte no fonema /*i*/; e para a última consoante da palavra, /v/ que, por ser labiodental, requer que a língua toque no lábio inferior e nos dentes superiores, sem provocar a adição de vogal de apoio, pois a última letra da palavra, o grafema "e" não se converte em fonema e, portanto, não é pronunciado.

[bɪˈliv] or [bəˈliv]

Na palavra *terrific*, quarta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ para representar a vogal "e", na primeira sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a pronúncia da vogal "i", na segunda sílaba, que é tônica e se converte no fonema /ɪ/, por conta da Regra 1 [CVC]; quanto à vogal "i", na terceira sílaba, por ser também fraca (átona), sua conversão é opcional, podendo ser feita no fonema /ɪ/, ou no fonema /ə/; também requer-se atenção para a última consoante da palavra, o grafema "c", convertido no fonema /k/ que, por ser velar, requer que a língua seja colocada na região velar (céu dorsal da boca) e, por ser stop, requer que a língua fique parada naquela posição, evitando-se a adição de vogal de apoio.

[tɪˈrɪfɪk] or [təˈrɪfɪk]

Na palavra *carpet*, quinta palavra da segunda coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ para representar a vogal "e", na segunda sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a pronúncia da vogal "a", na primeira sílaba (tônica), que se converte no fonema /ɑ/, pronunciado com a parte central da língua abaixada e com a boca bem aberta, conforme a Regra 1 [CVC]. Também se recomenda atenção para a pronúncia da última consoante, /t/ que, por ser alveolar, requer que a língua seja colocada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser stop, requer que a língua fique parada naquela posição, evitando-se a adição de vogal epentética.

[ˈkarpɪt] or [ˈkarpət]

Na terceira coluna, em que também temos a correspondência dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ com o grafema "i", estudemos a construção sonora das vogais átonas da palavra *linguistic*: a vogal "i", na primeira e na terceira sílabas é fraca (átona); portanto, pode ser convertida no fonema /ɪ/ ou no fonema /ə/. A escolha da vogal átona é opcão do falante, porém, chama-se atenção para a pronúncia da vogal "i", na segunda sílaba, que é tônica e, portanto, converte-se no fonema /ɪ/, por conta da Regra 1 [CVC]; também requer-se atenção para a pronúncia do grafema final "c" que se converte no fonema /k/ que, por ser velar stop, solicita o posicionamento da língua na região velar (perto da garganta), mantendo-a naquela região até a consolidação do processo articulatório da palavra, evitando-se a adição de vogal epentética.

[lɪŋˈgʊɪstɪk] or [ləŋˈgʊɪstɪk]

Na palavra *intelligent*, segunda palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ para representar a vogal "i", na primera e na terceira sílabas, que é átona. Porém, chama-se atenção para a pronúncia da última consoante, /t/ que, por ser alveolar, requer que a língua seja colocada nos alvéolos (céu frontal da boca) e, por ser stop, requer que a língua fique parada lá, evitando-se a adição de vogal de apoio.

[ɪnˈtɛlɪdʒənt]or [ənˈtɛlɪdʒənt]

Na palavra *disagree*, terceira palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ para representar a vogal "i", na primeira sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a pronúncia do segundo grafema consonantal "s", que se converte no fonema /s/, que se converte no fonema /i/, por tratar-se de um prefixo, ao contrário do português em que o /s/, entre vogais, sempre soa como /z/. Chama-se também a atenção para a pronúncia do dígrafo "ee", em sílaba tônica, no final da palavra, que se converte no fonema /i/ por conta da regra 1 – Dígrafos.

[dɪsəˈgri] or [dəsəˈgri]

Na palavra *improvement*, quarta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ para representar a vogal "i", na primera sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a pronúncia do grafema "o", na segunda sílaba, que é a vogal forte (tônica), cuja conversão é feita no fonema /u/; também é requisitada atenção para a pronúncia das duas últimas consoantes /n/ e /t/: para o /n/ que, por tratar-se

de alveolar nasal, requer a língua posicionada nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelo nariz; e para o /t/ que, tal como o /n/, também é alveolar, roga apenas a permanência da língua colada nos alvéolos, para evitar adição epentética.

[ɪmˈpruvmənt] or [əmˈpruvmənt]

Na palavra *direction*, quinta palavra da terceira coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ɪ/ ou /ə/ para representar a vogal "i", na primera sílaba, que é átona. O grafema "e", na segunda sílaba, é a vogal forte porque a sílaba é tônica; por isso, sua conversão é feita no fonema /ɛ/, conforme a Regra 1. Porém, chama-se atenção para as pronúncias do grafema "c", do dígrafo "ti" e da consoante final "n": o grafema "c" converte-se no fonema velar stop /k/, o dígrafo "ti", em sílaba átona e antes de "o", converte-se no fonema alveopalatal fricativo /ʃ/; a consoante /n/ é alveolar nasal e, por isso, requer a língua posicionada nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelo nariz.

[dɪˈrɛkʃən] or [dəˈrɛkʃən]

Na quarta coluna, em que temos a correspondência dos fonemas /ʊ/ ou /ə/ com o grafema "o", estudemos a construção sonora das vogais átonas da palavra *potato*: o grafema "o", na primeira sílaba, é vogal fraca (átona) e pode se converter tanto no fonema /ʊ/ como no fonema /ə/; o grafema "a", na segunda sílaba, é a vogal forte (tônica) e se converte no ditongo /eɪ/ por conta da Regra 2 – [CVC+e]; o grafema "o", na terceira sílaba, converte-se no ditongo /oʊ/, por sua posição em final de palavra. Chama-se atenção também para a pronúncia do grafema "t" que se converte no alofone /ɾ/.

[pʊˈteɪroʊ] or [pəˈteɪroʊ]

Na palavra *tomato*, segunda palavra da quarta coluna, o grafema “o”, na primeira sílaba, é a vogal fraca e pode converter-se tanto no fonema /ʊ/ como no fonema /ə/; o grafema “a”, na segunda sílaba, é a vogal forte (tônica), cuja conversão é feita no ditongo /eɪ/ por conta da Regra 2 [CVC+e]; o grafema “o”, na terceira sílaba, converte-se no ditongo /oʊ/, por sua posição em final de palavra. Chama-se atenção também para a pronúncia do grafema “t” que se converte no alofone /ɾ/.

[tʊˈmeɪroʊ] or [təˈmeɪroʊ]

Na palavra *today*, terceira palavra da quarta coluna, o grafema “o”, na primeira sílaba, é a vogal fraca e pode converter-se tanto no fonema /ʊ/ como no fonema /ə/; o grafema “a”, na segunda sílaba, é a vogal forte (tônica), cuja conversão é feita no ditongo /eɪ/ por conta da Regra 5 [C(C)VY].

[tʊˈdeɪ or təˈdeɪ]

Na palavra *tomorrow*, quarta palavra da quarta coluna, o grafema “o”, na primeira sílaba, é a vogal fraca e pode converter-se tanto no fonema /ʊ/ como no fonema /ə/; o grafema “o”, na segunda sílaba, é a vogal forte (tônica), cuja conversão é feita no fonema /ɒ/ por conta da Regra 1 [CVC]; o digrafo “ow”, na terceira sílaba é convertido no ditongo /aʊ/.

[tʊˈmɒraʊ or təˈmɒraʊ]

Na palavra *together*, quinta palavra da quarta coluna, o grafema “o”, na primeira sílaba, é a vogal fraca e pode converter-se tanto no fonema /ʊ/ como no fonema /ə/; o grafema “e”, na segunda sílaba, é a vogal forte (tônica), cuja conversão é feita no fonema /ɛ/ por conta da Regra 1 [CVC]; o digrafo “er”, na terceira sílaba é convertido nos fonemas /ər/. Chama-se atenção para a pronúncia do dígrafo “th”, convertido no fonema interdental fricativo vozeado /ð/.

[tʊˈgɛðər or təˈgɛðər]

Na quinta coluna, em que temos a correspondência dos fonemas /ʊ/ ou /ə/ com o grafema “u”, estudemos a construção sonora das vogais átonas da palavra *beautiful*: o dígrafo “ea”, na primeira sílaba, é a vogal forte (tônica), portanto, é convertida no fonema /i/ (Regra 1-Dígrafos), formando com o grafema “u” o ditongo /ɪu/. As vogais “i” e “u”, na segunda e terceira sílaba respectivamente, são átonas; portanto, o grafema “i” pode se converter tanto no fonema /ɪ/ como no fonema /ə/ e o grafema “u” pode se converter tanto no fonema /ʊ/ como no fonema /ə/. Outro detalhe na pronúncia dessa palavra é a conversão do fonema consonantal /t/ no alofone /ɾ/, típico da variedade do inglês norte-americano padrão, quando a consoante /t/ ocorre em sílaba átona entre vogais. Nesse caso, o grafema “t” tem pronúncia semelhante à pronúncia de “r”, no PB, como na palavra “arara”.

Portanto, vamos repetir a pronúncia da palavra *beautiful*, nas suas várias realizações fonéticas no inglês norte-americano padrão. Ressalte-se que as três variantes fonológicas são formas gramaticais em uso no inglês norte-americano padrão. Uma vez mais, chama-se atenção para a pronúncia da consoante final /l/ que, por ser alveolar lateral, requer o posicionamento da língua nos alvéolos, permitindo a saída do ar pelas suas laterais.

[ˈbɪʊrɪfʊl], [ˈbɪʊrɪfəl]

Na palavra *careful*, segunda palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ʊ/ ou /ə/ para representar a vogal "u", na segunda sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a segunda vogal "e": esta letra é grafema, mas não é fonema; essa letra, no contexto de final de sílaba ou de palavra, é conhecida como "vogal muda"; por isso, não constitui sílaba e não é pronunciada. Assim, a palavra careful tem duas sílabas, não três, como poderia aparentar para o aprendiz brasileiro iniciante.

A última vogal "u", na segunda sílaba, é átona; portanto, pode se converter tanto no fonema /ʊ/ como no fonema /ə/. Outro detalhe que não deve ser esquecido é a pronúncia da consoante final /l/, com a língua nos alvéolos.

[ˈkɛərfʊl] or [ˈkɛərfəl]

Na palavra *useful*, terceira palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ʊ/ ou /ə/ para representar a vogal "u", na segunda sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a terceira letra da palavra *useful*: esta letra é grafema, mas não é fonema; nesse contexto de final de sílaba ou de palavra, a letra "e" é conhecida como "vogal muda", pois não é pronunciada.

A última vogal "u", na segunda sílaba, é átona; portanto pode se converter tanto no fonema /ʊ/ como no fonema /ə/. Chama-se atenção para a letra "s" nessa palavra: sua conversão é feita no fonema alveolar fricativo /s/, não /z/; essa informação é relevante para o aprendiz brasileiro, pois, no português, o grafema "s", entre vogais, tem sempre o som de /z/. Outro

detalhe que não deve ser esquecido é a pronúncia da consoante final /l/, com a língua nos alvéolos.

['ɪusfʊl] or ['ɪusfəl]

Na palavra *meaningful*, quarta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ʊ/ ou /ə/ para representar a vogal "u", na terceira sílaba, que é átona. Porém, chama-se atenção para a pronúncia do dígrafo "ea", na primeira sílaba, que é tônica e se converte no fonem /i/ (Regra 1-Dígrafos); pede-se atenção também para a vogal "i", na segunda sílaba, que é átona e se converte no fonema /ɪ/. E ainda atenção especial requer a pronúncia do grafema "g", no final da segunda sílaba. No processo de conversão fonética dos grafemas "ng", que compõem o final de uma estrutura silábica, o som /n/, que é nasal, muda o seu lugar de articulação, ou seja, deixa de ser alveolar e passa a ser velar, absorvendo o lugar do /g/. É por isso que o dígrafo "ng" se converte no fonema velar /ŋ/. Assim, por ser velar, na pronúncia de /ŋ/, a língua deve ser posicionada na região velar (céu dorsal da boca); e por ser nasal, a língua deve manter-se colada na região velar, permitindo a saída do ar pelo nariz, até iniciar-se a articulação da consoante /f/, na terceira sílaba. A vogal "u" é átona e, portanto, pode ser convertida tanto em /ʊ/ como em /ə/. Não se deve esquecer também do detalhe de pronúncia da última consoante /l/.

['mɪnɪŋfʊl] or ['mɪnɪŋfəl]

Na palavra *successful*, quinta palavra da quinta coluna, a regra é a mesma para conversão e escolha dos fonemas /ʊ/ ou /ə/ para representar a vogal "u", na terceira sílaba, que é átona e, portanto, pode ser convertida tanto em /ʊ/ como em /ə/. Não se deve esquecer também do detalhe de

pronúncia da última consoante /l/. Convêm também se observar as pronúncias da primeira e segunda sílabas da palavra. Na primeira sílaba, chama-se atenção para o processo de conversão fonética do grafema "u", vogal forte na sílaba tônica; sua conversão é feita no fonema /ʌ/, por conta de seu contexto silábico, constituído de CVC (Regra 1). Muita atenção se requer para a posição da língua na pronúncia dessa vogal /ʌ/: a língua é posicionada na altura média central da boca. Na segunda e terceira sílabas, os grafemas "e" e "u" são vogais fracas – constituem sílabas átonas; portanto suas respectivas conversões podem ser feitas nos fonemas /ɪ/ ou /ə/ e /ʊ/ ou /ə/.

['sʌksɪsfʊl],['sʌksəsfʊl],['sʌksəsfəl]

7. Fonemas de conversão especial

Na variedade do ingles norte-americano padrão, os grafemas "t" e "d" são convertidos no *alofone* /ɾ/, quando ocorrem em sílaba átona, entre duas vogais, tais como nas palavras water e lady, ou em verbos frasais como em get up e fed up. Nestes casos, os grafemas "t" e "d" soam como /r/ no PB "arara", por exemplo.

Para melhor entendimento dessas variações fonológicas, primeiramente, vamos analisar o conceito de alofone. *Alofone* é uma variação sonora de um fonema que não implica em mudança de significado da palavra. Dependendo da variação linguística do inglês em uso, estes dois fonemas têm dois tipos de conversão fonética. Na variedade do inglês britânico, por exemplo, as conversões fonéticas dos grafemas "t" e "d" são feitas respectivamente nos fonemas alveolares /t/ e /d/. Todavia, na variedade do inglês norte-americano padrão, tanto o fonema /t/ como /d/, quando ocorrem em sílaba átona, entre vogais, são geralmente convertidos no alofone /ɾ/. Observe-se que o sinal diacrítico (ˈ), colocado na parte superior

da palavra, indica a sílaba de maior intensidade (tônica primária); e o sinal diacrítico (ˈ), colocado na parte inferior da palavra, indica a sílaba tônica secundária, ou seja, de menor intensidade que a sílaba tônica e de maior intensidade que as sílabas átonas. A marca de intensidade secundária geralmente só ocorre quando a palavra é composta de mais de três sílabas. Por outro lado, a marca diacrítica de intensidade primária é colocada em palavras dissilábicas e trissilábicas, pois nas palavras monossilábicas, só há uma vogal – a vogal forte (tônica), o que torna dispensável o uso de qualquer marca diacrítica para marcar a intensidade na palavra.

7.1 Palavras com o fonema /t/ convertido no alofone /ɾ/

Palavra	*Transcrição*
better	/ˈbɛɾər/
metal	/ˈmɛɾəl/[11]
meter	/ˈmiɾər/
cottage	/ˈkaɾɪdʒ/ ou /ˈkaɾədʒ/
motorcycle	/ˈmoʊɾəˌsaɪkəl/

7.2 Palavras com o fonema /d/ convertido no alofone /ɾ/

Palavra	*Transcrição*
body	/ˈbaɾɪ/
headache	/ˈhɛɾeɪk/
medal	/ˈmɛɾəl/
medical	/ˈmɛɾɪkəl/
wedding	/ˈwɛɾɪŋ/

7.3 Frases com o fonema /t/ convertido no alofone [ɾ]

Frase	*Transcrição*
get out	/ˈgeɾaʊt/
let us	/ˈlɛɾəs/
meet on	/ˈmiɾən/
not at all	/ˈnaɾəɾˌɔl/
out of	/ˈaʊɾəv/

7.4 Frases com o fonema /d/ convertido no alofone [ɾ]

Frase	*Transcrição*
feed up	/ˈfiɾəp/

fed up	/ˈfɛrəp/
good at it	/ˈgʊrərɪt/
God above all	/ˈgɑrəbʌvˌɔl/
need add in	/ˈniræˌrɪn/

7.5 Grafemas e dígrafos de conversão fonética especial

Uma vez que o número de sons possíveis em todas as línguas do mundo é muito maior do que o número de letras em qualquer alfabeto, os linguistas inventaram sistemas, tais como o *International Phonetic Alphabet [IPA]* (Alfabeto Fonético Internacional) para designar símbolos únicos, não ambíguos, para cada som consonantal.

De fato, o alfabeto inglês tem menor número de letras consoantes do que sons consonantais; portanto, dígrafos como “ch”, “sh” e “th” são adicionados ao alfabeto, assim como há também algumas letras que representam mais do que um fonema, ou vice-versa, tais como a letra “x”, na palavra box /bɒks/ (três letras, quatro fonemas)

7.5.1 Grafemas e dígrafos convertidos no fonema /ʃ/:

Grafemas	*Regra de conversão*	*Exemplos*
“sh”	regra geral	<u>sh</u>ave, a<u>sh</u>amed, wa<u>sh</u>.
“ti”	em sílaba átona antes de “o”	na<u>ti</u>on, atten<u>ti</u>on, ambi<u>ti</u>ous.
“ch”	caso específico	ma<u>ch</u>ine, musta<u>ch</u>e, <u>ch</u>ic, <u>Ch</u>icago, Mi<u>ch</u>igan.
“si”	em sílaba átona depois de nasal	comprehen<u>si</u>on, man<u>si</u>on, ten<u>si</u>on.
“xi” (/kʃ/)	em sílaba átona antes de “o”	an<u>xi</u>ous, comple<u>xi</u>on.
“su”	caso específico	<u>su</u>gar, <u>su</u>re, in<u>su</u>rance.

“ssu”		assure, assurance, pressure.
“c” or “sc”	caso específico	ocean, conscious.

7.5.2 Grafemas e dígrafos convertidos no fonema /f/:

“f”	regra geral	five, after, leaf.
“fe”	regra geral	safe, life, wife.
“ph”	regra geral	phase, photograph, telephone.
“gh”	em final de palavra	laugh, cough, enough, rough, tough.

7.5.3 Grafemas e dígrafos convertidos no fonema /ʒ/:

“si”	em sílaba átona depois de vogal	occasion, television, vision.
	irregular	garage, seizure, genre, beige, luxurious.
“su”		em sílaba átona depois de vogal leisure, measure, pleasure, usual.

7.5.4 Grafemas e dígrafos convertidos no fonema /tʃ/:

“ch”	regra geral	check, teacher, each.
“tch”	regra geral	catch, stretch, kitchen.
“ti”		em sílaba átona depois de “s” question,

		sugges<u>ti</u>on, diges<u>ti</u>on.
“tu”		em sílaba átona final antes de “re” future, lectu<u>re</u>, natu<u>re</u>, pictu<u>re</u>.

7.5.5 Grafemas e dígrafos convertidos no fonema/k/:

“c”	regra geral	<u>c</u>at, pi<u>c</u>ture, musi<u>c</u>.
“ck”	regra geral	che<u>ck</u>, po<u>ck</u>et, lu<u>ck</u>.
“q”	regra geral	<u>q</u>uality, e<u>q</u>ual, s<u>q</u>ueeze.
“ch”	caso específico	<u>ch</u>emistry, a<u>ch</u>e, stoma<u>ch</u>.
“x” (/kʃ/)	regra geral	bo<u>x</u>, e<u>x</u>tra, si<u>x</u>.
“xi” (/kʃ/)	regra geral	an<u>xi</u>ous, comple<u>xi</u>on.

7.5.6 Grafemas e dígrafos convertidos no fonema/ʤ/:

“g”	antes de “e” ou “i”	ca<u>ge</u>, cotta<u>ge</u>, en<u>gi</u>ne, <u>ge</u>ntle.
	Exceções:	<u>g</u>et, <u>g</u>ift, <u>g</u>ilt, <u>g</u>irl, <u>g</u>ive.
“j”	regra geral	<u>j</u>aw, en<u>j</u>oyment, sub<u>j</u>ect.
“dg”	regra geral	bri<u>dg</u>e, edge, ju<u>dg</u>e, knowle<u>dg</u>e.
“di”	caso específico	sol<u>di</u>er,
“du”	caso específico	<u>du</u>ring, gra<u>du</u>al, education.
Exceções:	caso específico	<u>du</u>ck, <u>du</u>g, <u>du</u>mb, <u>du</u>mp, <u>du</u>ngeon.

7.5.7 Grafemas e dígrafos convertidos no fonema /z/:

“z”	regra geral	<u>z</u>ebra, bra<u>z</u>il, bu<u>zz</u>.
“s”	caso específico	u<u>s</u>e (v), no<u>s</u>e, choo<u>s</u>e, bu<u>s</u>es.
“x” (/gz/)	antes de vogal	e<u>x</u>act, e<u>x</u>ist, e<u>x</u>amination.
“ss”	caso específico	po<u>ss</u>ess, di<u>ss</u>olve, de<u>ss</u>ert, sci<u>ss</u>ors.

7.5.8 Conversão do grafema “m”, no final de palavra, depois de “s”

Nas palavras terminadas no grafema “m”, antecedido de “s”, o grafema “s” converte-se no fonema /z/, seguido de adição epentética do fonema z/ə/ antes do fonema /m/.

Palavra	Transcrição
heroism	/ˈhɛrəʊɪzəm/
enthusiasm	/ɪnˈθuzɪæzəm/
baptism	/ˈbæptɪzəm/
prism	/ˈprɪzəm/

7.5.9 Conversão das consoantes “l” e “n”, em sílabas átonas precedidas de outras consoantes alveolares

Precedidos de outras consoantes alveolares, os grafemas “l” e “n” [também alveolares] convertem-se respectivamente nos fonemas /l̩/ e /n̩/, conhecidos como “consoantes silábicas”, visto que funcionam como sílabas, embora desacompanhadas de qualquer vogal. Observe-se o sinal diacrítico ['], abaixo dos referidos símbolos fonéticos, que indica que sua pronúncia se realiza mediante o posicionamento da língua nos alvéolos para articulação da alveolar anterior e imediata produção da respectiva alveolar final. Esse tipo de conversão é mais comum na variedade do inglês britânico do que na variedade do inglês norte-americano (NAE).

Word	Transcription
bottle	/ˈbɒtl̩/ NAE /ˈbɒrəl/
cattle	/ˈkætl̩/ NAE /ˈkærəl/
cotton	/ˈkɒtn̩/ NAE /ˈkɒrən/

listen	/ˈlɪsn̩/ NAE /ˈlɪsən/
fasten	/ˈfæstn̩/ NAE /ˈfæsən/
risen	/ˈrɪzn̩/ NAE /ˈrɪzən/
prison	/ˈprɪzn̩/ NAE /ˈprɪzən/
saddle	/ˈsædl̩/ NAE /ˈsærəl/
poodle	/ˈpudl̩/ NAE /ˈpurəl/
sadden	/ˈsædn̩/ NAE /ˈsærən/
burden	/ˈbərdn̩/ NAE /ˈbərdən/

7.6 Regras para formação do plural e do possessivo de nomes e terceira pessoa singular de verbos

A formação do plural e do possessivo dos nomes e da terceira pessoa singular dos verbos requer a adição de um morfema flexional à palavra – o sufixo "-s", que vai registrar a marca de pluralidade (número) e de possessividade (posse), nos nomes, e a marca de flexão da terceira pessoa do singular do tempo presente, nos verbos. A conversão fonética do refererido sufixo "-s" segue regras fonológicas que serão apresentadas a seguir.

7.6.1 Conversão do morfema-s, como marcador de pluralidade e possessividade dos nomes e de flexão da terceira singular de verbos terminados em vogal e consoantes vozeadas

Com nomes e verbos terminados em vogal, ditongo, ou consoantes vozeadas (exceto z, ʒ, ʤ), ou seja, vogal, ditongo e as consoantes vozeadas: [v, ð, b, d, g, l, r, m, n, ŋ], o sufixo (terminação) de plural (-s ou -es), de possessividade (-´s) dos nomes e de flexão (terminação) de terceira pessoa singular do tempo presente dos verbos (-s ou -es) converte-se no fonema /z/.

Nome	*Plural*	*Transcrição*

Tomato	tomatoes	/təˈmeɪtəz/ NAE /təˈmeɪrəz/
leaf	leaves	/livz/
teethe (v)	teethes	/tiðz
cab	cabs	/kæbz/
bed	beds	/bɛdz/
bag	bags	/bægz/
ball	balls	/bɔlz/
car	cars	/kɑrz/
room	rooms	/rumz/
rain	rains	/reɪnz/
king	kings	/kɪŋz/

Nomes próprios	*Possessivos*	*Transcrição*
Jessica	Jessica's	/ˈdʒɛsɪkəz/
Paulo	Paulo's	/ˈpɔlouz/
Steve	Steve's	/stivz/
Jesus	Jesus's	/ˈdʒizəz/
Bob	Bob's	/bɒbz/
David	David's	/ˈdeɪvdz/
Greg	Greg's	/grɛgz/
Bill	Bill's	/bɪlz/
Sher	Sher's	/ʃɛrz/
Tim	Tim's	/tɪmz/
Steven	Steven's	/ˈstivənz/
King	King's	/kɪŋz/

Verbos	*3ª pess. singular*	*Transcrição*
go	goes	/gouz/
live	lives	/lɪvz/
breathe	breathes	/briðz/
bribe	bribes	/braɪbz/
lead	leads	/lidz/
beg	begs	/bɛgz/
sell	sells	/sɛlz/
hear	hears	/hɪarz/
come	comes	/kʌmz/
clean	cleans	/klinz/
sing	sings	/sɪŋz/

7.6.2 Conversão do morfema -s, como marcador de pluralidade e possessividade dos nomes e de flexão da terceira singular de verbos terminados em consoantes desvozeadas

Para o plural e possessivo de nomes e 3ª pessoa singular de verbos terminados em consoantes desvozeadas (execeto s, ʃ, tʃ), ou seja, as consoantes desvozeadas [p, t, k, f, θ], o sufixo (terminação) de plural (-s ou -es), de possessividade (-‘s) dos nomes e a flexão (terminação) de terceira pessoa singular do tempo presente dos verbos (-s ou -es) converte-se no fonema /s/.

Singular	**Plural**	**Transcrição**
step	steps	/stɛps/
cat	cats	/kæts/

book	book<u>s</u>	/bʊks/
cough	cough<u>s</u>	/kɑfs/
bath	bath<u>s</u>	/bæθs/

Nome	**Possessivo**	**Transcrição**
Phillip	Phillip’ <u>s</u>	/ˈfɪlɪps/
Pat	Pat’ <u>s</u>	/pæts/
Patrick	Patrick’ <u>s</u>	/ˈpætrɪks/
Steph	Steph’ <u>s</u>	/stɛfs/
Beth	Beth’ <u>s</u>	/bɛθs/

Verbo	**3ª pess. sing.**	**Transcrição**
stop	stop<u>s</u>	/stɑps/
let	let<u>s</u>	/lɛts/
look	look<u>s</u>	/lʊks/
laugh	laugh<u>s</u>	/læfs/
bath	bath<u>s</u>	/bæθs/

7.6.3 Conversão do morfema –s, como marcador de pluralidade e possessividade dos nomes e de flexão da terceira pessoa singular de verbos terminados em [s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]

Para nomes e verbos que terminam em [s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ], o sufixo (terminação) de plural (-s ou -es), de possessividade (-´s) dos nomes e a flexão (terminação) de terceira pessoa singular do tempo presente dos verbos (-s ou -es) converte-se no fonema /ɪz/ ou /ə z/.

Nome	**Plural**	**Transcrição**
class	classe<u>s</u>	/ˈklæsɪz/ or /ˈklæsəz/
close	close<u>s</u>	/ˈkloʊzɪz/ or /ˈkloʊzəz/
dish	dishe<u>s</u>	/ˈdɪʃɪz/ or /ˈdɪʃəz/
garage	garage<u>s</u>	/gəˈrɑʒɪz/ or /gəˈrɑʒəz/
church	church<u>es</u>	/ˈtʃɜrtʃɪz/ or /ˈtʃɜrtʃəz/
judge	judge<u>s</u>	/ˈdʒʌdʒɪz/ or /ˈdʒʌdʒəz/

Nome	*Possessivo*	*Transcrição*
Alice	Alice's	/ˈælɪsɪz/ ou /ˈælɪsəz/
Luiz	Luizes'	/ˈlʊɪzɪz/ ou /ˈlʊɪzəz/
Bush	Bushes'	/ˈbʊʃɪz/ ou /ˈbʊʃəz/
Tatch	Tatches'	/ˈtætʃɪz/ ou /ˈtætʃəz/
George	George's	/ˈdʒɔrdʒɪz/ ou /ˈdʒɔrdʒəz/

Verbo	**3ª pess. sing.**	**Transcrption**
pass	passes	/ˈpæsɪz/ or /ˈpæsəz/
close	closes	/ˈkloʊzɪz/ or /ˈkloʊzəz/
brush	brushes	/ˈbrʌʃɪz/ or /ˈbrʌʃəz/
beige	beiges	/ˈbeɪʒɪz/ or /ˈbeɪʒəz/
teach	teaches	/ˈtitʃɪz/ or /ˈtitʃəz/
judge	judges	/ˈdʒʌdʒɪz/ or /ˈdʒʌdʒəz/

7.6.4 Conversão do morfema "-ed", marcador do tempo passado simples e do particípio passado dos verbos regulares

Para a formação do tempo passado simples e particípio passado dos verbos regulares, adiciona-se o sufixo "-ed", cuja conversão fonética requer as seguintes regras fonológicas.

7.6.4.1 Conversão do sufixo "-ed" de verbos terminados em consoantes vozeadas

Para os verbos terminados em consoantes vozeadas (exceto /d/), ou seja, consoantes vozeadas [b, g, v, z, ʒ, dʒ, ð, l, r, m, n, ŋ], o sufixo "-ed" é convertido no fonema /d/.

Verbo	Passado/Particípio	Transcrição
rub	rubbed	/ˈrʌbd/
beg	begged	/ˈbɛgd/
live	lived	/ˈlɪvd/
close	closed	/ˈkloʊzd/
bathe	bathed	/ˈbeɪðd/
judge	judged	/ˈdʒʌdʒd/
breathe	breathed	/briðd/
drill	drilled	/drɪld/
bother	bothered	/ˈbʌðərd/
beam	beamed	/bimd/
clean	cleaned	/klind/
belong	belonged	/bɪˈlɔŋd/

7.6.4.2 Conversão do sufixo "-ed" de verbos terminados em consoantes desvozeadas

Para verbos terminados em consoantes desvozeadas (exceto /t/), ou seja, consoantes desvozeadas [p, k, f, s, ʃ, tʃ, θ], , o sufixo "-ed" é convertido no fonema /t/.

Verbo	**Passado/Particípio**	**Transcrição**
stop	stopped	/stɒpt/
look	looked	/lʊkt/
laugh	laughed	/læft/
pass	passed	/pæst/
wish	wished	/wɪʃt/
wash	washed	/wɔʃt/
match	matched	/mætʃt/

7.6.4.3 Conversão do sufixo "-ed" de verbos terminados em /t/ e /d/

Para os verbos terminados em /t/ e /d/, o sufixo "-ed" é convertido no fonema /ɪd/ ou /əd/.

Verbo	Passado/Particípio	Transcription
visit	visited	/ˈvɪzɪtɪd/ ou /ˈvɪzɪtəd/, NAE /ˈvɪzɪrəd/
add	added	/ˈædɪd/ ou /ˈædəd/, NAE /ˈærəd/
wait	waited	/ˈweɪtɪd/ ou /ˈweɪtəd/ NAE /ˈʊeɪrəd/
credit	credited	/ˈkrɛdɪtɪd/ ou /ˈkrɛdɪtəd/ NAE /ˈkrɛrɪrəd/
avoid	avoided	/əˈvɔɪdɪd/ ou /əˈvɔɪdəd/ NAE /əˈvɔɪrəd/

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oferecer a aprendizes de inglês, falantes do PB, oportunidade de aquisição de uma pronúncia adequada nessa língua estrangeira é uma tarefa muito árdua, principalmente para aprendizes jovens e adultos; e, também, é um grande desafio para o docente. É uma tarefa muito árdua para o aprendiz porque, após a puberdade, o aluno já está compulsoriamente atrelado às estruturas fonológicas da sua língua materna e, portanto, requer muita atenção e muito treinamento, principalmente para aquelas estruturas que são diferentes das de sua primeira língua; e, para o professor, é um grande desafio porque requer muita paciência e habilidade para transformar a aprendizagem consciente das novas estruturas fonológicas em capacidade de uso dessas novas estruturas numa comunicação eficiente na segunda língua.

Assim, paciência e habilidade por parte do professor e paciência e perseverança por parte do aluno são palavras-chave no processo de ensino/aprendizagem da pronúncia porque, mesmo depois de ter aprendido sobre a correspondência em que os grafemas vocálicos, em contextos silábicos específicos, criam as condições para suas conversões em respectivos fonemas, ainda assim, os aprendizes jovens e adultos necessitam de muito treinamento sobre os gestos fonoarticulatórios para poderem quebrar a dependência das estruturas fonológicas da sua L1.

Este é o motivo porque, nesta obra, por exemplo, há uma exaustiva repetição de instruções, chamando a atenção do aluno quanto ao modo e ao lugar da articulação daqueles sons considerados fonte de dificuldade de pronúncia para o aprendiz adulto falante do PB, como, por exemplo, as consoantes alveolares [t, d, k, g], as nasais [m, n, ŋ] e a lateral [l], em final de sílaba ou palavra. O aprendiz adulto, falante do PB, tem muita

dificuldade de aprender estes traços fonéticos porque os mesmos não existem em posição final na sua língua materna e, por isso, a tendência natural é a produção desses sons como se pertencessem à variedade sociolinguística do aprendiz. Eis aí a maior razão da interferência da L1 na L2 do aprendiz, o que só é possível corrigir com muita atenção e prática fonoarticulatória explícita.

Todavia, é importante ressaltar que o objetivo principal deste livro, em relação à pronúncia, não é atingir a perfeição de uma pronúncia no padrão do falante nativo do inglês, mas o foco é chegar-se a um nível razoável de pronúncia que não comprometa a inteligibilidade, de modo a satisfazer as metas de comunicação interativa na L2.

Assim, é conveniente reiterar aqui, uma vez mais, que a meta mais importante desta obra foi investigar o papel do uso das estratégias conscientes de aprendizagem das relações grafêmico-fonológicas das vogais, em contextos silábicos, e dos gestos fonoarticulatórios para automatizar a pronúncia de palavras e enunciados na língua inglesa.

Para isso, foram criadas regras de conversão de grafemas vocálicos em fonemas, com base em suas correspondências grafêmico-fonológicas, juntamente com as consoantes que compõem o contexto silábico de palavras e enunciados. Essas regras visam oferecer ao aprendiz estratégias de aprendizagem explícita, mediante a associação de determinados contextos silábicos em que os grafemas vocálicos se estruturam com os grafemas consonantais para condicionar suas respectivas conversões fonéticas. Porém, essas regras de conversão grafêmico-fonológicas devem ser muito bem explicadas ao aprendiz, principalmente o iniciante adulto. Por exemplo, para internalizar a associação da estrutura silábica CVC, que condiciona a pronúncia da palavra *man*, no singular, e da palavra *men*, no plural, o aprendiz precisa ter entendido que o grafema “a”, no contexto silábico CVC da forma singular, sempre será convertido no fonema /æ/; e

que o grafema “e”, no contexto silábico CVC da forma plural, sempre será convertido no fonema /ɛ/. Mas, estes dois fonemas são diferentes; logo as pronúncias das duas palavras são também diferentes. Então, como o(a) professor(a) deve agir para ensinar a pronúncia adequada dessas duas palavras?

Primeiramente, o(a) professor(a) deve explicar que, para pronunciar a palavra *man*, o primeiro som /m/ não apresenta nenhuma dificuldade, pois esse som, no início de palavra, é semelhante ao do PB, porém, a dificuldade começa no grafema “a”, que é completamente diferente do PB. No contexto silábico dessa palavra que é CVC (consoante+vogal+consoante), o grafema “a” se converte no fonema /æ/, e é descrito como vogal baixa, anterior, breve. Para produzir, ou pronunciar este som, deve-se posicionar a língua em baixo, na parte frontal da boca; em seguida, deve-se produzir o som [é], como no PB, porém com a boca bem aberta; depois, para pronunciar o som /n/, deve-se levantar a ponta da língua até os alvéolos (céu da boca), mantendo a língua naquela posição, permitindo a saída do ar pelo nariz.

Para a pronúncia do plural *men*, o procedimento é o mesmo para a pronúncia do som inicial /m/ e do final /n/, mas a pronúncia da vogal no plural é diferente da do singular. No plural, o grafema “e”, no contexto silábico CVC, se converte no fonema /ɛ/, descrito como vogal média, anterior, breve. Para a sua pronúncia, a língua deve ser posicionada na altura média da boca; em seguida, deve-se produzir o som [é], como no PB, porém com a língua em altura média e a boca semiaberta. Para se ter uma melhor percepção quanto à altura da língua no seu posicionamento na boca, vejamos a diferença entre as vogais /i/, /ɛ/ e /æ/. Para a pronúncia da primeira /i/, que é alta, anterior, longa: a língua deve ser posicionada na parte alta, na frente da boca; o som é alongado. Para a pronúncia da segunda /ɛ/, que é média, anterior, breve: a língua deve ser posicionada na altura média, na frente da boca; o som é abreviado. Para a pronúncia da

terceira /æ/, que é baixa, anterior, breve: a língua deve ser posicionada na parte baixa, na frente da boca [bem aberta]; o som é abreviado.

Vê-se, portanto, que o posicionamento vertical da língua, no alto, no meio, e embaixo da boca é fundamental para a boa produção dessas vogais, lembrando ainda que estas três vogais requerem também um posicionamento horizontal da língua, para frente na boca, pois as três são vogais anteriores.

Como se pode observar, é bastante complexa a questão da pronúncia das duas vogais, apresentadas para distinguir a diferença entre o singular e o plural dos dois itens lexicais mencionados como exemplo. Mas, apesar da complexidade da questão, essa é uma regra consistente, pois a qualquer item lexical que se enquadre neste contexto silábico, contendo os grafemas "a" e "e", aplica-se a regra CVC, respectivamente para os fonemas /æ/ e /ɛ/. A aprendizagem dessa regra, uma vez consolidada, deve transformar-se em conhecimento internalizado que leva o aprendiz a fazer generalizações para outros itens lexicais no mesmo contexto silábico da língua inglesa, conseguindo, assim, realizar o objetivo da automatização da pronúncia.

Todavia, deve-se reconhecer que essas regras não são, de modo algum, apresentadas como instrumento acabado ou perfeito; há ainda um longo caminho em busca de explicações para conversões grafêmico-fonológicas de itens lexicais que envolvem contextos silábicos constituídos por grafemas vocálicos, como "o", por exemplo, em que as regras apresentadas registram maior inconsistência, uma vez que uma mesma regra apresenta várias exceções. Por exemplo, vê-se inconsistência nas realizações fonéticas do grafema "o", nas palavras *fork* e *work*, em que o grafema "o" se converte no fonema /ɔ/, na primeira palavra e em /ɜ/, na segunda; e o dígrafo "oo", nas palavras *food* e *good*, em que a conversão na primeira palavra é no fonema /u/ e, na segunda, é no fonema /ʊ/. Nestes exemplos e em outros abordados neste livro, verificou-se que os contextos são aparentemente

semelhantes; portanto, conclui-se que tais inconsistências, provavelmente, indiquem a necessidade de mais pesquisas nessa área.

Por isso, considera-se que este trabalho ainda está inacabado, pois precisa de respostas a questões que ficam ainda abertas para mais pesquisas na área da pronúncia da língua inglesa. Não obstante o seu estado de inacabamento, esta obra é apresentada como uma ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem para facilitar a difícil tarefa de produzir uma pronúncia que se adeque aos objetivos de interação comunicativa do aprendiz, principalmente o jovem e o adulto iniciante no processo de aprendizagem do inglês como língua estrangeira.

Como palavra final, um convite a novos acadêmicos e pesquisadores para outras pesquisas e trabalhos, visando facilitar aos aprendizes brasileiros a difícil tarefa de alcançar um nível adequado de pronúncia de palavras e enunciados na língua inglesa que lhes permita interagir comunicativamente e eficientemente no mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

ALVES, U. K. **O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2**: evidências fornecidas pela teoria da otimidade. 2004. 335f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

BACCARI DE GODOY, S. M.; GONTOW, C.; MARCELINO, M. **English pronunciation for Brazilians**: the sounds of American English. São Paulo: DISAL Editora, 2006.

BATISTELLA, T. R. **Relação entre a percepção, a produção e a consciência fonológica na aprendizagem do inglês como língua estrangeira**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. White Plains, NY: Addison Wesley Longman, 2000.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D.; GOODWIN, J. **Teaching pronunciation**: a reference for teachers of English to speakers of other languages. Cambridge University Press, 1996.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

ELLIS, R.; et al. **Implicit and explicit knowledge in second language learning, testing, and teaching**. Toronto: Multilingual Matters, 2009.

HARMER, J. **The practice of English language teaching**. New York: Longman, 1991.

HISER, N.; KOPECKY, A. **American speechsounds**. Portland, OR: American Speechsounds, 2009.

JENKINS, J. **The phonology of English as an international language**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KELLY, G. **How to teach pronunciation**. Harlow: Longman, 2000.

LIANG, W. X. Teaching weak forms. **Forum**, v. 41, p. 32-36, 2003.

LIMA-JUNIOR, R. M. **Uma investigação dos efeitos do ensino explícito da pronúncia na aula de inglês como língua estrangeira**. 2008

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília.

LOW, E. L. A review of recent research on speech rhythm for language acquisition, language disorders and language teaching. In: Hughes, R. (Ed.). **Spoken English, TSOL and applied linguistics**: challenges for theory & practice. London: Palgrave-Macmillan, 2006.

MELO, N. J. F. **Estratégias conscientes de ensino-aprendizagem para automatização da pronúncia do ingles**. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MUNRO, M. J.; DERWING, T. M. Foreign accent, comprehensibility, and intelligibility in the speech of second language learners. **Language Learning**, v. 49 (Suppl. 1), p. 285-310, 1999.

PENNINGTON, M. C. **Phonology in English Language Teaching**. Londres: Addison Wesley Longman Limited, 1996.

QUICOLI, A. C. Harmony, lowering and nasalization in Brazilian Portuguese. **Língua**, v. 80, p. 295-331, 1990.

RICHARDS, J. C. **Interchange**: Intro A. 3. ed. Cambridge University Press, 2005.

ROCHA, A. **Os efeitos da instrução explícita em fonologia na produção e percepção de consoantes da língua inglesa**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, 2012.

SCHAETZEL, K. **Teaching pronunciation to adult English language learners**., Washington, DC: Caela Network Brief, 2009.

SCHMIDT, R. The role of consciousness in second language learning. **Applied Linguistics**, v. 11, p. 129-158. 1990.

SCLIAR-CABRAL, L. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Declínio da percepção categorial fonética inata no primeiro ano de vida. **Letras de Hoje**, v. 39, p. 79-87, 2004.

VAN PATTEN, B. Evaluating the role of consciousness in second language acquisition: terms, linguistic features, and research methodology. **AILA Review**, v. 11, p. 27-36, 1994.

_____. **Input processing in second language acquisition**. In: VAN PATTEN, B. (Ed.). **Processing instruction**: theory, research, and commentary. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004. p. 5-31.

WONG, W. **The nature of processing instruction**. New Jersey: Lawrence Erlbaun Associates, Inc., 2004.

ZIMMER, M. C. Cognição e aprendizagem de L2: uma abordagem conexionista. In MACEDO, A. C.; FELTES, H.; FARIAS, E. M. (Orgs). **Cognição e linguística**: territories, mapeamentos e percursos. Porto Alegre: EDIPUCRS; Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

ZIMMER, M. C.; ALVES, U. K. A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexionismo. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 101-143, 2006.

Obrigado por ler este livro que

publicamos!

Esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Compartilhe por e-mail suas dúvidas e sugestões conosco.

Adquira outros títulos em www.livrosdapaco.com.br

Conheça o novo site da Paco Editorial com conteúdos exclusivos para professores!

Av. Dr. Carlos Salles Bloch, 658 - Sala 21

Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100